

REVISTA MENSAL

Ave

ANO 109

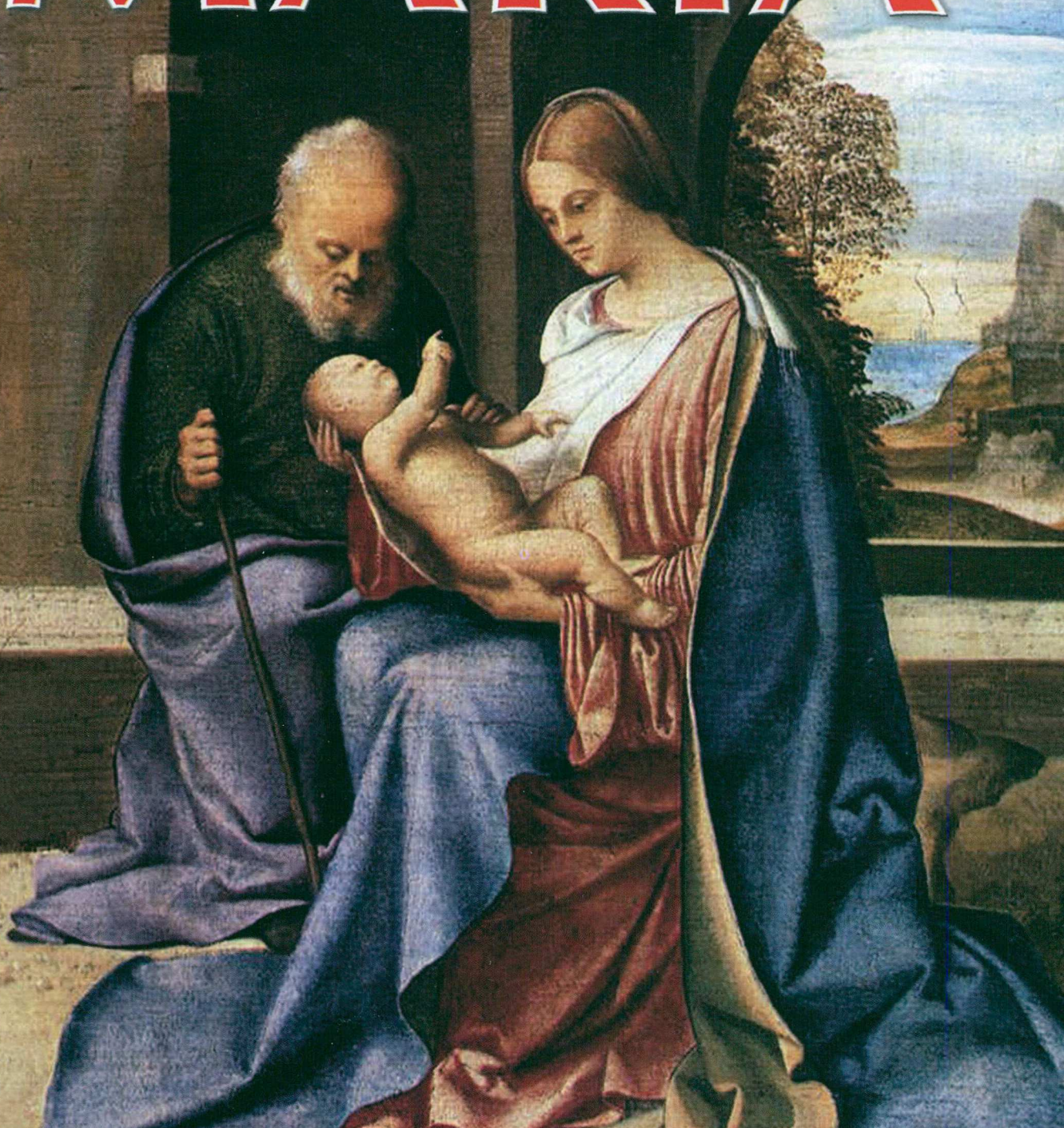
R\$ 3,00

DEZEMBRO 2007



MARIA

M
EDITORA
AVE-MARIA



O Amor feito carne nos visitou

Oração para pedir paz na família



Meu Jesus, os profetas vos anunciaram como o Príncipe da Paz.

Os anjos anunciaram paz aos homens, por ocasião do vosso nascimento.

Morrestes na cruz para consolidar a paz entre Deus e os homens.

“A paz esteja convosco!”, dissestes aos apóstolos, no dia da ressurreição. Aos mesmos apóstolos ordenastes: “Quando entrardes em alguma casa, dizei: a paz esteja nesta casa”.

Senhor, fazei entrar a paz em nossa família. Que haja união, compreensão e amor. Dai-me, especialmente a mim, o espírito de humildade e paciência para com a minha esposa (ou esposo), amor e carinho para com meus pais e sogros, dedicação aos meus filhos e bondade para com todos em casa.

Fazei que os irmãos se tratem como verdadeiros irmãos. Ajudai-nos a conservar a paz na família para merecermos a paz definitiva no céu. Amém.

(Do livro “Oração para todas as Horas”, p. 215 - Ave-Maria, São Paulo, SP.)



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPEJ sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.

Direção Editorial: Luís Erlin

Administração: Hely Vaz Diniz

Redação: Adelino D. Coelho, Avelino S. de Godoy

Conselho de redação: Antonia P. Simon; Cleber F. Francisco; Marcia Alves e Isabel Ferrazoli

Assinaturas: Geraldo José Canezin

Impressão: Gráfica Ave-Maria. Estrada

Comendador Orlando Grande, 88 - Bairro Gramado, Embu, SP. CEP 06833-070 Tel.: (11) 4785-0085

www.avemaria.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Rua Martim Francisco, 636 - 2º andar
CEP 01226-000 - São Paulo, SP
Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou
revista@avemaria.com.br

DIVULGAÇÃO

(11) 3823-1060 Fax (11) 3663-3491
sacrevista@avemaria.com.br

ASSINATURA

Apenas R\$ 30,00 ao ano.

Ligue grátis: 0800 555 021

De todo o Brasil (de segunda a sexta-feira,
das 8h às 17h45)
ou pelo e-mail:

assinaturas@avemaria.com.br
ou ainda nas livrarias Ave-Maria.

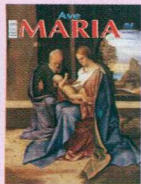
SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

A REVISTA AVE MARIA NA INTERNET:

www.avemaria.com.br/revista



A capa deste mês:

O Amor feito carne nos visitou.

Pintura: Giorgione, Sagrada Família, 1500.

O Amor feito carne nos visitou

“Vamos até Belém e vejamos o que se realizou e o que o Senhor nos manifestou” (Lucas 2,15b).

Estamos em dezembro. O clima de fim de ano tem uma aura, pode-se dizer mágica — as festas, as luzes, os presentes, as celebrações, o sentimento de solidariedade, etc.

O nascimento de Jesus é para nós, cristãos, uma das solenidades mais importantes no calendário litúrgico. Deus em sua grandeza se esvazia, assume a condição humana, para que nós em nossa pequenez experimentemos a proximidade do Altíssimo.

Alegremo-nos, o Amor feito carne nos visitou. Em cada Natal, o Menino Jesus aguça nossa sensibilidade para que o possamos ver, tocar, senti-lo no contato próximo com os que amamos ou com aqueles que deveríamos amar mais.

A equipe da revista Ave Maria deseja a você, estimado leitor, um santo e feliz Natal. Que a estrela de Belém guie os passos de todos vocês até o coração de nosso Salvador.

Caro assinante, você recebe, junto com este exemplar da revista, um calendário de brinde. Que possamos durante todo o ano de 2008 estar em sintonia.

Seja Deus a nossa força!

Pe. Luís Erlin, cmf

109 ANOS
ATRÁS

AVE MARIA

PERIODICO DEDICADO A' IMMACULADA VIRGEM MÃE DE DEUS

ANNO I.

São Paulo, 24 de Dezembro de 1898

NUM. 15.

NATAL

Celebra-se amanhã em todo o orbe catholico a festa do Natal ou nascimento do Menino Deus, isto é, aquelle dia em que o Verbo Divino, o Filho do Eterno Padre, tendo assumido a nossa natureza, dignou-se apparecer entre os homens “cheio de graça e de verdade”, como diz S. João em seu Evangelho.

Esta é talvez a festa mais alegre e mais poetica de quantas celebra a Sancta Egreja no decurso do anno; durante o espaço de tempo que lhe é consagrado pela liturgia, parece que ainda rebôa pelos ares os ecos do celeste hymno entoado, ha desenove seculos, pelos anjos juncto ao pobre berço do menino Jesus em Belém: “Gloria a Deus no céu, e, na terra, paz aos homens de boa vontade.”

Houve tempo em que esta festa tinha um encanto todo particular em nossa terra; mas a materialisação da sociedade e a invasão de elementos estranhos aos nossos costumes e ao nosso sentir lh'ó têm diminuido, e queira Deus que o não extingam de todo.

Ah! nosso antigo Natal! alegre festa das crianças e da fraternização das familias! Aos nossos caros leitores desejamos mil venturas na graça e paz do Senhor.

(Publicado em 24 de dezembro de 1898 - revista Ave Maria, Ano I, número 15)

Temas abordados nesta edição:



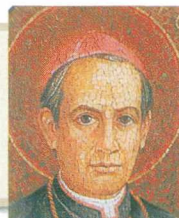
Natal, desconfortos e expectativas

Frei Betto

página 12

Claret, 200 anos Nascido para evangelizar

página 16



A acolhida

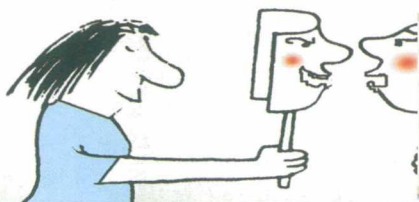
Adelino Dias Coelho

página 28

Comunicar o amor

Aparecida Eunides e João B. Lugnani

página 32



E a família?...

Vítor Pedro Calixto dos Santos

página 34

Demais assuntos:

- ESPAÇO DO LEITOR - p. 6
- PALAVRA DO PAPA - p. 7
- Senhora de Guadalupe - p. 10
- Santos do mês de dezembro - p. 11
- Natal e o nascimento de Jesus - p. 13
- Oração da família diante do presépio - p. 15
- Quando Jesus nasceu? - p. 18
- LITURGIA DA PALAVRA - p. 19
- Hábito de leitura - p. 23
- Viabilizando o futuro com sustentabilidade - p. 24
- Prazer ou dor? - p. 25
- CATEQUESE - p. 26
- A PALAVRA É... - p. 27
- MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR - p. 29
- Perdão - p. 30
- MÚSICA E LITURGIA - p. 31
- VIVÊNCIA CRISTÃ - p. 33
- VAMOS COZINHAR?! - p. 35
- PÁGINA INFANTIL - p. 36.

Transformações socioculturais

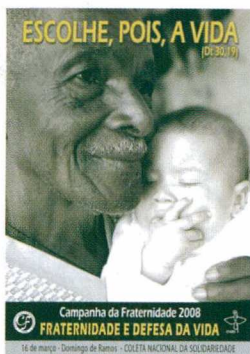
Cristianismo e transformações socioculturais foi o tema do 2º Seminário de Teologia Pastoral organizado pelo Instituto Superior de Pastoral da PUC-Minas (ISPAL), de 12 a 14 de novembro, no Teatro do Campus Coração Eucarístico, na PUC, em Belo Horizonte, MG.

Realizado em conjunto com o 23º Ciclo de Palestras e Debates do Núcleo de Estudos em Teologia (NET), o evento discutiu o impacto que as transformações socioculturais, políticas, econômicas e na própria religião têm produzindo na fé cristã e os desafios que essas transformações geram para os cristãos de hoje.

Entre os conferencistas participaram o sociólogo Pedro A. R. de Oliveira e o teólogo João Batista Libânio.

(Fonte cnbb)

Campanha Fraternidade 2008



A Campanha da Fraternidade de 2008, cujo tema será "Fraternidade e defesa da vida", já vem sendo preparada por todas as coordenações diocesanas. Um exemplo disso foi o Encontro de Preparação da CF-2008, que ocorreu em Itaici, Indaiatuba, SP, entre os dias 5 e 7 de outubro, com a participação de representantes das dioceses do Estado de São Paulo.

No encontro, além de uma análise do Texto-base da CF-2008, também se estudaram as estratégias a serem usadas na campanha e a metodologia para a coleta do chamado Gesto Concreto.

A assessoria ficou por conta do pe. Adalberto Vanzella, coordenador nacional da CF e responsável pela elaboração de grande parte do Texto-base. Também colaboraram: Fernando Altemeyer Jr., Carlos Josaphat e o advogado Kláudio Cóffani Nunes. Informações: caciamaral@uol.com.br

(Fonte cnbb)

Claret 200 anos - Vamos rezar juntos



No dia 27 de outubro comemoraram-se os 200 anos de nascimento de santo Antônio Maria Claret, com missa, realizada na gráfica da Editora Ave-Maria, em Embu, SP. O evento, promovido pela congregação claretiana, funcionários e familiares foi expressão do sentimento comum de todos os envolvidos nessa mesma causa, a evangelização por meio da Palavra.

Na celebração foram lembradas todas as intenções das pessoas que nos escreveram pedindo orações: Paulo Cesar Pinto Prado, Ribeirão Preto, SP; Francisca Lucia Carneiro, Massapé, CE; Renata Monteiro de Oliveira Pereira, São Gonçalo, RJ; Danielle Decarli Linderski, Paracatu, MG; Alzerina, Cacoal, RO; Ricardson, Carius, CE; Michelli, Solânea, PB; Marcelo Barbosa dos Anjos, Jussara, BA; Eneas Batista de Oliveira, São Paulo, SP; Lenita Lopes Galvão, Indaiatuba, SP; Maria Clagdalina Feinids, Lajeado, RS; Gloria Maria Salvado Mendes, Rio de Janeiro, RJ, e por todos os nossos assinantes que por tanto tempo são solidários com a causa de Claret, por meio da revista *Ave Maria*.

Os celebrantes foram os padres: (começando da esquerda) Paulo Pereira da Silva, Cícero Severino da Silva, Maciel M. Claro, Jaime Sanchez Bosch, Osvaldo Chiozini, Roque V. Beraldi, Luís Erlin e como auxiliares irmão Hely Vaz Diniz e Augusto Mariotto Kater. Depois da missa houve um grande almoço de confraternização.

Todos os meses os funcionários da Editora Ave-Maria se reúnem para celebrar uma missa de ação de graças. Por isso, convidamos todos a também participarem deste ato, enviando-nos seus pedidos de orações pelos nossos entes queridos, vivos e falecidos. Enviem-nos suas intenções de pedido de oração para:

revista.site@avemaria.com.br ou revista Ave Maria - Rua Martim Francisco, 656 - CEP: 01226-000 - São Paulo, SP.



Prezados editores,

Quero agradecer a vocês, em nome da representante Rose Andrade, pelo envio da Revista Ave Maria. Já li a edição do mês de setembro ... é muito bom o seu conteúdo. Tenho certeza de que a publicação trará muitos frutos para minha vida.... Também recebi o boleto para pagamento referente à assinatura anual e logo estarei pagando.

Um abraço para todos, e que Deus os abençoe.

Vinicius Eduardo Hakme, Araçatuba - SP

Sou assinante da revista Ave Maria há alguns anos e gosto muito dela, porém estou sentindo falta dos artigos de Frei Betto, Libânio, José Maria Vigil e d. Pedro Casaldáliga. Gostaria de ter o prazer de ler novamente estes colaboradores. Os artigos do Ir. Nery estão excelentes, e deveriam ser usados para melhor orientação na Catequese das paróquias. Sou catequista e sinto que falta maior empenho dos padres na importância da formação dos catequistas e um melhor acompanhamento pedagógico-catequético. Sei que há um material muito rico à disposição nas editoras católicas, mas que não é valorizado. Penso que por isso é tão fácil outras Igrejas convencerem os católicos sobre suas doutrinas.

Desculpem o meu desabafo. Fiquem com Deus e sucesso para a revista.

Leonici Souza, Santa Gertrudes, SP

Nossa resposta

Agradecemos ao Vinicius Eduardo Hakme (carta acima) e a Leonici Souza pelos incentivos e pela cobrança de trazer de volta alguns colaboradores, dos quais oportunamente continuaremos publicando artigos. O que faremos na medida do possível. Continuamos prestigiando nossa revista e divulgamos aos amigos.

Meu nome é LELIS LARA. Nasci em Divinópolis, MG, no dia 19 de dezembro de 1925. Desde os seis anos de idade ajudava na missa no Santuário de Sto. Antônio dos Franciscanos. Minha família é numerosa: 13 filhos. Todos muito religiosos. Minha mãe piedosíssima, era assinante da "Ave Maria", maravilhosa revista que já circula há mais de cem anos. Minha mãe gostava muito da coluna do escritor chamado Lelis Vieira. Apreciava tanto os artigos dele, que decidi dar o nome de Lelis ao filho do sexo masculino que ela viesse a dar à luz.

Aos doze anos ingressei no Seminário Menor Redentorista em Congonhas, MG, fiz o Seminário Maior em Juiz

de Fora, cursei a Faculdade de Direito Canônico na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Retornando ao Brasil, depois de alguns anos de ministério em diversos ramos e lugares, fui nomeado bispo auxiliar, bispo coadjutor, bispo diocesano. Hoje, bispo emérito, retornei à minha Congregação Religiosa, residindo no Convento Redentorista em Coronel Fabriciano, MG. Continuo exercendo várias atividades, sobretudo na área do Direito Canônico e minha atividade pastoral no sentido estrito da palavra é muito intensa, pois a paróquia onde se situa o nosso convento está entregue aos nossos cuidados.

Visto que nossa família não tem mais uma casa "central", como nos anos passados, não sei se algum dos irmãos continua com a assinatura da "Ave Maria". Como se trata de excelente revista de formação e informação, eu quero continuar recebendo a "Ave Maria", fazendo a assinatura e, assim, resgatando a lembrança de minha santa e saudosa mãe e prestando homenagem póstuma ao escritor Lelis Vieira.

Dom Lelis Lara, Cel. Fabriciano, MG

Nossa resposta

Lellis Vieira era um colaborador de nossa revista e escreveu seus artigos entre os anos 1915 e 1929.

ASSINANTES EM FESTA



Em Brasópolis, MG, **Benedito Machado de Faria** e **Maria Irene de Faria** comemoraram as Bodas de Ouro no dia 3 de outubro último.

NA PAZ DO SENHOR

Em Sorocaba, SP, **Aggeu Monteiro de Carvalho**, aos 17 de setembro de 2006, com 55 anos de idade.

Em São Carlos, SP, **Joanna Pepino**, aos 4 de setembro, com 80 anos de vida.

Em São Carlos, SP, **Esther Ramos da Silva Zoia**, aos 5 de setembro de 2007, com 67 anos de vida.

Em Poços de Caldas, MG, **Romilda Leite Dias**, aos 30 de agosto, com 77 anos de vida.

Em Formiga, MG, **Celina Nascimento**, aos 19 de setembro de 2007, com 83 anos de idade.

Em Itaúna, MG, **Luiz Otávio Rabelo**, aos 29 de agosto de 2007, com 79 anos de idade.

Em Itaqui, RS, **Chaphick Sceádi**, aos 21 de agosto de 2003, médico daquela cidade por 60 anos.

Dois papas falam de Claret

Na oportunidade do bicentenário do nascimento de santo Antônio Maria Claret, apresentamos um breve texto de Pio XI, pronunciado pelo papa no dia de sua beatificação; e outro, do papa Pio XII na canonização. Ambos descrevem de modo diferente, mas apropriado, o perfil apostólico do grande santo da Espanha:



Em 25 de fevereiro de 1934, na basílica de São Pedro, no Vaticano, celebrou-se a beatificação do venerável Antônio Maria Claret. O papa Pio XI, em seu discurso aos peregrinos espanhóis no dia 26, pronunciou estas palavras:

“A vida do beato Antônio Maria Claret foi, toda ela, um perene multiplicar de apostolado, com características próprias, revestido daquele modelo que se pode chamar o mais indicado para o momento atual... Nesse multiforme apostolado, encontra-se o grande meio para todo o bem que o beato Claret realizou de modo tão extraordinário e benéfico para a Espanha”.

Em 7 de maio de 1950, Pio XII pronunciou sua palavra magisterial e definitiva:

“Decretamos e definimos que o beato Antônio Maria Claret, bispo e confessor, é santo e o inscrevemos no catálogo dos santos.”

Nesta “maravilhosa e difícilíssima” causa, que durou 63 anos, trabalharam incansavelmente, desde o princípio, os postuladores, padres: Jerónimo Batlló (1891-1913), Felipe Maroto (1913-1934), Juan Postius (1934-1948) e Anastasio Gutiérrez (1948-1950). Na audiência especial, no dia seguinte ao da canonização (8 de maio), Pio XII concedeu aos peregrinos claretianos este esplêndido retrato do novo santo:

“Alma grande, nascida como para unificar contrastes; pôde ser de origem humilde e glorioso aos olhos do mundo; pequeno de corpo, porém gigante de espírito; de aparência modesta, porém capacíssimo para impor respeito, inclusive aos poderosos da terra; caráter forte, mas com a suave doçura de quem conhece o freio da austeridade e da penitência; sempre na presença de Deus, embora envolvido pela sua prodigiosa atividade exterior; caluniado e admirado, festejado e perseguido. E, entre tantas maravilhas, como luz que o ilumina por completo, sua devoção à mãe de Deus.”

Extraído do Apêndice III de **San Antonio Maria Claret - escritos autobiográficos**, edição preparada por Jose Maria Viñas e Jesus Bermejo, Biblioteca de Autores Cristianos - Madrid, 1981.

Pintura: Renzo Merusi na Basílica do Coração de Maria em Roma, “O anjo do apocalipse” (Apocalipse 10,1-11), referente à Autobiografia de Claret nº 686.



Imaculada Conceição de Maria

Ó virgem, pela tua bênção, é abençoada a criação inteira!

O céu e as estrelas, a terra e os rios, o dia e a noite, e tudo quanto obedece ou serve aos homens, congratulam-se, ó Senhora, porque a beleza perdida foi por ti de certo modo ressuscitada e dotada de uma graça nova e inefável. Todas as coisas pareciam mortas ao perderem sua dignidade original, que é de estar em poder e a serviço dos que louvam a Deus. Para isto é que foram criadas. Estavam oprimidas e desfiguradas pelo mau uso que delas faziam os idólatras, para os quais não haviam sido criadas. Agora, porém, como que ressuscitadas, alegram-se, pois são governadas pelo poder e embelezadas pelo uso dos que louvam a Deus.

Perante esta nova e inestimável graça, todas as coisas exultam de alegria ao sentirem que Deus, seu Criador, não apenas as governa invisivelmente lá do alto, mas também está visivelmente nelas, santificando-as com o uso que delas faz. Tão grandes bens procedem do bendito fruto do sagrado seio da Virgem Maria.

Pela plenitude da tua graça, aqueles que estavam na mansão dos mortos alegram-se, agora libertos; e os que estavam acima do céu rejubilam-se renovados. Com efeito, pelo Filho glorioso de tua gloriosa virgindade, todos os justos que morreram antes da sua morte vivificante exultam pelo fim de seu cativeiro, e os anjos se congratulam pela restauração de sua cidade quase em ruínas.

Ó mulher cheia e mais que cheia de graça, o transbordamento de tua plenitude faz renascer toda criatura! Ó Virgem bendita e mais que bendita, pela tua bênção é abençoada toda a natureza, não só as coisas criadas pelo Criador, mas também o Criador pela criatura!

Deus deu a Maria o seu próprio Filho, único gerado de seu coração, igual a si, a quem amava como a si mesmo. No seio de Maria, formou seu Filho, não outro qualquer, mas o mesmo, para que, por natureza, fosse realmente um só e o mesmo Filho de Deus e de Maria! Toda a criação é obra de Deus, e Deus nasceu de Maria. Deus criou todas as coisas, e Maria deu à luz Deus! Deus que tudo fez, formou-se a si próprio no seio de Maria. E deste modo refez tudo o que tinha feito. Ele que pode fazer tudo do nada, não quis refazer sem Maria o que fora profanado.

Por conseguinte, Deus é o Pai das coisas criadas, e Maria a mãe das coisas recriadas. Deus é o Pai da criação universal, e Maria a mãe da redenção universal. Pois Deus gerou aquele por quem tudo foi feito, e Maria deu à luz aquele por quem tudo foi salvo. Deus gerou aquele sem o qual nada absolutamente existe, e Maria deu à luz aquele sem o qual nada absolutamente é bom.

Verdadeiramente o Senhor é contigo, pois quis que toda a natureza reconheça que deve a ti, juntamente com ele, tão grande benefício.

(Das Meditações de santo Anselmo, bispo, século XII, in Ofício das Leituras da Imaculada Conceição - 8 de dezembro).

Senhora de Guadalupe: a ciência comprova o milagre

De todas as manifestações de Maria, a de Guadalupe no México, entre os dias 9 e 12 de dezembro de 1531 ao índio são Juan Diego, é considerada pela Igreja como autêntica e marcante presença de Deus na vida do povo.

Nilton César Boni

Maria se apresentou como sendo a *Perfeita e sempre Mãe do Verdadeiro Deus*. Pediu ao índio que construísse no local da aparição um templo dedicado a ela. Quando contou ao bispo d. frei João Zumárraga o que havia acontecido, ele pediu um sinal e Maria mandou flores e sua imagem estampada no manto de são Juan Diego.

Esta imagem tornou-se objeto de estudo da ciência por muitos anos, pois contém cenas da aparição que jamais poderiam ser retratadas por mãos humanas, de tão particulares e divinas que são. O manto onde está a estampa é feito da fibra de uma planta chamada "agave popotule". O que chama a atenção é que a imagem não foi pintada, mas impregnada de cor que se conserva até os dias atuais. Por isso, nos vem a seguinte pergunta: *a pintura é pura técnica ou milagre?*

Os diversos especialistas e instituições civis que estudaram essa obra de arte afirmam com toda a precisão que algumas partes da imagem foram retoçadas e acrescentadas por mãos humanas ao longo do tempo, mas que as cenas da aparição, sobretudo as que estão registradas no interior dos olhos de Maria que dizem respeito ao índio são Juan Diego são inexplicáveis, jamais um ser humano, usando a melhor e mais avançada tecnologia, poderia pintar algo tão particular e sobrenatural. Outro aspecto interessante é que o manto não foi pre-



parado para ser pintado como uma tela, pois é feito de um tecido áspero e com uma costura no centro. A maioria das cores é desconhecida e não se pode determinar a sua origem. Nem sequer o ácido nítrico derramado no manto conseguiu destruir esta raridade.

Em 12 de outubro de 1945 o papa

Pio XII disse: *no manto do pobrezinho Juan Diego pincéis que não eram daqui de baixo deixavam pintada uma imagem dulcíssima, que a corrosão dos séculos maravilhosamente respeitaria.*

Sem sombra de dúvidas a aparição de Nossa Senhora em Guadalupe é um milagre que vem ao encontro da situação humilde dos povos da América Latina. A ciência comprova o milagre e se cala. Maria aparece num cenário de América em processo de colonização européia, de guerras entre culturas e novas ideologias, onde os conquistadores eram exigentes e usavam força para impor seu estilo de vida. Aparece para renovar a fé e consagrar os povos desta grande nação ao único e verdadeiro Deus de seu Filho Jesus Cristo. É a defensora dos fracos, inseguros e descrentes diante das desigualdades.

Ela é a mãe do nosso continente, a estrela da nova evangelização e a mulher que revela o rosto misericordioso de Deus e que ampara os corações sem esperança. Que Nossa Senhora de Guadalupe continue intercedendo por nós e abra generosamente seu manto sagrado para que continuemos firmes na fé, no compromisso com Cristo e na defesa da Vida. Rogai por nós, santa mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo!

Nilton César Boni é sacerdote, missionário claretiano. Contato: nilton@claretianas.com.br

Santos do mês de dezembro

São João Evangelista

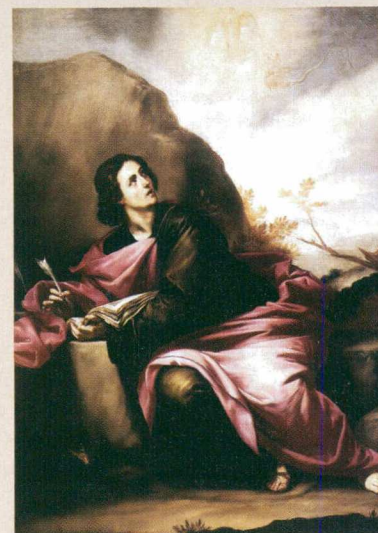
Dia 27

Século I — apóstolo — João significa “Deus é misericordioso”.

Irmão de Tiago Maior, são João fazia parte do grupo dos Doze. Segundo são Paulo, era, ao lado de Pedro e Tiago, uma das colunas da Igreja em Jerusalém (Gálatas 9,2). Testemunhou a transfiguração de Jesus e viu com seus próprios olhos o Mestre agonizar na cruz.

A tradição sempre o identificou com o discípulo “a quem Jesus amava” e que se inclinou no peito de Jesus na Última Ceia. A ele, Jesus confiou o cuidado de sua mãe aos pés da cruz. Atribui-se a ele também o Quarto Evangelho, as Cartas de João e o Apocalipse.

Por pregar a palavra de Deus e dar testemunho de Jesus, foi exilado na ilha de Patmos (Atos dos Apóstolos 1,9). Em idade avançada, não se cansava de dizer aos seus discípulos: “Amai-vos uns aos outros. Este é o mandamento do Senhor e, se o cumprirdes, apenas isso é suficiente”.



Pintura: Alonso Cano, 1601-1667. João evangelista em Patmos

Os Santos Inocentes

Dia 28

A origem da festa dos Santos Inocentes remonta ao século IV, no Oriente; e século V, no Ocidente. Hoje a Igreja procura resgatar o sentido e o significado jubiloso desta festa, em que se celebram os protetores das crianças e dos simples.

Jesus nos trouxe a grande alegria do reino de Deus, da nova aliança, da nova terra e dos céus novos, em que toda lágrima será enxugada, toda opressão será banida e todos se sentirão irmãos e filhos de Deus.

Na Idade Média, a festa dos Santos Inocentes era um momento de grande alegria, especialmente para as crianças que cantavam no coro e serviam o altar. Eles próprios presidiam parte das cerimônias litúrgicas, culminando com um pequeno banquete às expensas da Igreja. São Prudêncio cantou a memória dos Santos Inocentes.

O episódio da matança dos inocentes ou das crianças de Belém por ordem de Herodes é narrado por Mateus (Mt 2,16ss). Como Moisés, Jesus vai conduzir o povo rumo à libertação, em um novo êxodo. Jesus é o novo Moisés que libertará o povo contra toda opressão, simbolizada pela morte das crianças, vítimas de Herodes. Herodes é a personificação de todo aquele que, em nome do poder, oprime os inocentes.



Pintura: Santos Inocentes, Guido Reni, 1616

Natal, desconfortos e expectativas

Frei Betto



E tempo de Natal. Tudo se mescla à nossa volta. É verão nos trópicos e, no entanto, há neves de algodão, trenós e papais-noéis agasalhados do frio. À mesa, castanhas e nozes, alimentos adequados ao inverno. Tudo se mistura em nós, confunde sentimentos e atropela referências. Damos presentes a quem de nosso afeto e, alguns, além de nossas posses. O sangue que enlaça a família parece mais forte que o amor.

Em plena festa religiosa, somos movidos por um consumismo compulsório e compulsivo. Seu significado cristão esconde-se em acenos nostálgicos demasiadamente frágeis para que Jesus logre quebrar a hegemonia mercantil de Papai Noel. Como pesa esta data para quem não a celebra liturgicamente! A um canto, a árvore com seus adereços coloridos e, à sua sombra, o presépio com o Menino na manjedoura. Mero artesanato. Ali dorme também o menino que fomos um dia, inebriado pela fé; agora, de olhos fechados, teme abraçar o apelo divino e comemorar o aniversário de Jesus.

Sim, há abraços e beijos, presentes que se trocam entre taças de vinho e copos de cerveja. A alegria, como olhos de mulher, é marcada por um risco de sombra: ninguém blefa no mais íntimo de si mesmo; lá onde reside, sufocado, o nosso verdadeiro eu, aquele que sonhamos libertar um dia. Sabemos que as crianças estão felizes com o novo tênis, os jogos eletrônicos, as bonecas que choram sem emoção e falam sem inteligência. Quem é Jesus para esta geração que não frequenta catecismo e cujos pais têm pudor de rezar com os filhos e dar-lhes as mãos nas veredas que conduzem ao Transcendente? Na falta de mística, muitos, na adolescência, procuram o êxtase em do-

ses químicas. Sem disso terem consciência, gostariam que, atrás da seringa, por dentro da drágea ingerida, entre a fumaça ou o pó que se aspira, Deus irrompesse.

Neste Natal, alguns de nós vão ao culto e oram em família. Outros preferem a solidão de um mosteiro, a missa cantada em gregoriano, todos os presentes contidos num simples gesto de carinho. Porém, o que fazer? A TV universaliza a publicidade, a publicidade impregna a mercadoria de fetiche, o fetiche traz a ilusão de que os presentes, uma vez desembrolhados, irradiam felicidade. Assim, deixamos nos escravizar pelas convenções, sem ao menos indagar o que significam e se nos convêm.

Dentro de poucos dias, recarregaremos a despensa e a geladeira para o *réveillon* e, de novo, os mesmos abraços e afagos, com a vantagem de não dar presentes. Apenas desejar boa sorte. Talvez, no íntimo, o propósito de que “daqui pra frente tudo vai ser diferente”. Beber menos, balancear a comida, deixar o cigarro, dar mais tempo à família. Ou, quem sabe, ir um passo além do próprio umbigo: uma causa solidária, uma instituição de caridade, um projeto que minore a dor dos excluídos. Preocupar-se menos com o dinheiro e ocupar-se mais com os outros. Propósitos de renascer. Para que outros tenham vida.

Então, sim, será Natal. Nascimento. Como Jesus propôs a Nicodemos, sem que seja preciso retornar ao ventre materno. Deixar que o Espírito dispa-nos do homem e da mulher velhos para nos revestir do novo ser, aquele que tem seu protótipo e paradigma no Menino que dorme no presépio e, agora, desperta dentro de nós, fome de Deus e de justiça.

Frei Betto é escritor, autor do romance “Hotel Brasil” Ed. Ática, entre outros livros.



Ilustração: arquivo

Natal e o nascimento de Jesus

Carlos Mussetti

Conforme relata o Evangelho de São Lucas 2,1-2, José subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré até a Judéia, para registrar-se com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida, na cidade de Belém, sendo ele da casa e da linhagem de Davi.

Aproximando-se a data de nascimento do Filho, os santos esposos preocuparam-se em pedir hospitalidade numa estalagem da cidade. A procura foi em vão; a resposta, reta e rápida: “Não há vaga”. Provavelmente, por sua pobreza e nenhuma projeção, Maria e José foram rejeitados e tiveram que se refugiar em uma gruta reservada ao abrigo de animais. Ali, Jesus nasceu.

Analisando essa narrativa do santo evangelista, constatamos a falta de consideração com o estado de Maria e a completa ausência de fraternidade, de caridade e de humanidade daqueles que rejeitaram o pobre casal, que buscava um lugar, apenas por alguns dias ou talvez algumas horas, onde o Filho pudesse nascer com um pouco mais de assistência.

Passados vinte séculos e sete anos, estamos agora celebrando novamente o Natal. Todavia, Jesus continua procurando um espaço para nascer na vida de milhões de pessoas e de comunidades inteiras que ainda não descobriram a perfeição do Plano Divino.

Por que será que as portas continuam fechadas? Será que não há um pequenino espaço para que Jesus possa nascer e demonstrar que ele é realmente o Caminho, a Verdade e a Vida?

Afinal, não se trata mais de rejeitar um casal pobre, desconhecido e sem projeção. Trata-se do nascimento do Filho de Deus, do Divino Mestre, nosso Irmão que, por um ato de amor supremo deu a sua vida para a conquista da redenção de todas as gerações.

Infelizmente, apesar do tempo decorrido, dos ensinamentos registrados, dos milagres realizados e dos exem-

plos que Jesus nos deixou, temos de reconhecer que um grande número de pessoas e muitos povos continuam com suas estalagens fechadas, porque estão repletas de outras prioridades que impossibilitam o acolhimento de Jesus.

Nesses ambientes não há espaço, não há clima, não há disponibilidade para Jesus nascer e demonstrar o seu projeto salvífico, o qual não se limita à miragem de uma prosperidade enganosa e efêmera, mas demonstra a certeza de uma felicidade plena e eterna.

O projeto de Deus apresenta objetivos diferentes: propõe que o ter seja partilhado; que o poder identifique-se com o servir e o prazer seja fruto da solidariedade. Paralelamente, demonstra que o amor vence o egoísmo; a verdade prevalece sobre a mentira; a misericórdia elimina o ressentimento e gera o perdão; a justiça promove a paz.

Esse projeto não fecha as portas, ele amplia os espaços, favorece o acolhimento, promove a hospitalidade, incentiva a solidariedade e anuncia a grandeza e a infinita dimensão da Casa do Pai, sempre aberta para receber todos os que desejarem entrar, conhecer e vivenciar a palavra do Divino Mestre, nosso Misericordioso Redentor.

Neste Natal de tantas celebrações festivas, de abraços fraternos, de encontros afetuosos, de manifestações solidárias, principalmente as direcionadas aos irmãos mais necessitados, vamos também oferecer a Jesus o nosso mais valioso presente – o compromisso de uma reflexão profunda sobre a nossa caminhada e o mais autêntico empenho para que, com uma coerente vivência cristã, possamos conquistar mais espaço para que ele realmente possa nascer na vida dos que ainda não conhecem o valioso tesouro de seus ensinamentos e a grandeza de sua inesgotável fonte de graças.

ndhada e o mais autêntico empenho para que, com uma coerente vivência cristã, possamos conquistar mais espaço para que ele realmente possa nascer na vida dos que ainda não conhecem o valioso tesouro de seus ensinamentos e a grandeza de sua inesgotável fonte de graças.

**UM SANTO E FELIZ
NATAL A TODOS.**

Carlos Mussetti, da equipe de Nossa Senhora do Carmo, São Carlos, SP.



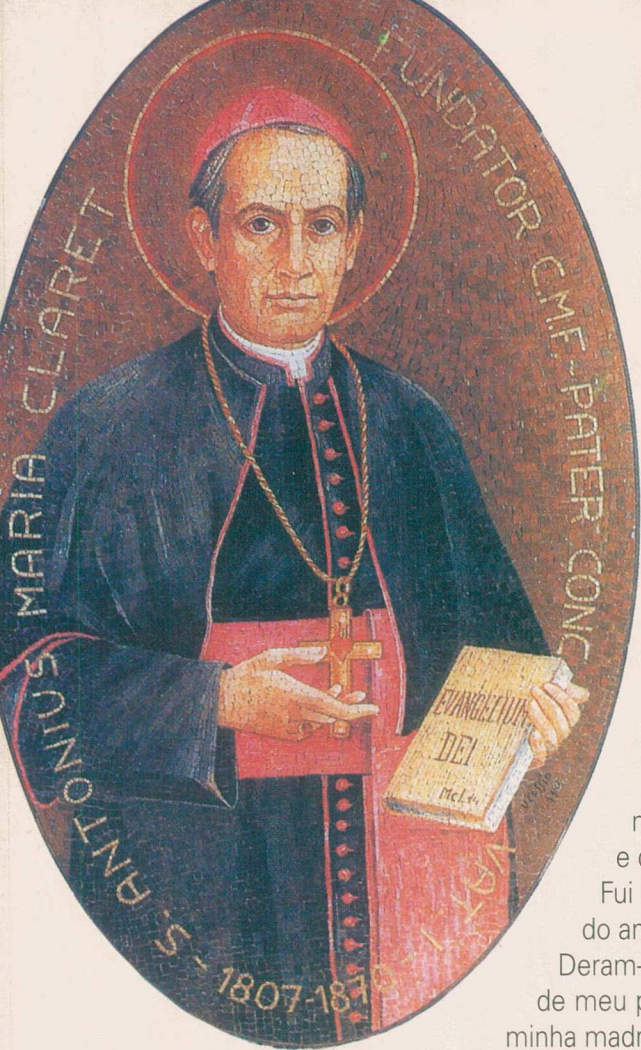
Pinura: Natividade, Andrea Previtali, 1515-1520



Oração da família diante do presépio

Luís Erlin

Menino Jesus, Deus que se fez pequeno por nós,
diante da cena do teu nascimento, do presépio,
estamos reunidos em família para rezar.
Mesmo que fisicamente falte alguém,
em espírito somos uma só alma.
Olhando Maria, tua mãe santíssima,
rezamos pelas mulheres da família,
que cada uma delas acolha com amor
a palavra de Deus, sem medo e sem reservas,
que elas lutem pela harmonia e paz em nossa casa.
Vendo teu pai adotivo, são José, pedimos,
ó Menino Deus, pelos homens desta família,
que eles transmitam segurança e proteção,
estejam sempre atentos às necessidades mais urgentes,
que saibam proteger nossos lares de tudo que não provém de ti.
Diante dos pastores e reis magos,
pedimos por todos nós,
para que saibamos render-te graças,
louvar-te sempre em todas as circunstâncias,
e que não nos cansemos de procurar-te,
mesmo por caminhos difíceis.
Menino Jesus, contemplando tua face serena,
teu sorriso de criança, bendizemos tua ação em nossas vidas.
Que nesta noite santa, possamos esquecer as discórdias,
os rancores, possamos nos perdoar.
Jesus querido, abençoa nossa família,
cura os enfermos que houver,
cura as feridas de relacionamentos.
Fazemos hoje o propósito de nos amar mais.
Que neste natal a bênção divina recaia sobre nós.
Amém.



Claret,

No dia 23 de dezembro, comemoramos o bicentenário de nascimento de santo Antônio Maria Claret, que fundou a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, chamados claretianos. Foi o próprio santo quem assim registrou seus primeiros anos de vida:

Minha infância

Nasci na cidade de Sallent, comarca de Manresa, diocese de Vich, província de Barcelona, Espanha.

Meus pais se chamavam João Claret e Josefa Clará. Casal honesto, temente a Deus, muito devoto do Santíssimo Sacramento e de Maria Santíssima.

Fui batizado na paróquia de Santa Maria de Sallent, no dia de Natal do ano de 1807.

Deram-me os nomes de Antônio, Adjutório e João. Antônio, o nome de meu padrinho, irmão de minha mãe; Adjutório, o nome do esposo de minha madrinha Maria Claret; e, João, o nome de meu pai.

Eu, mais tarde, acrescentei o dulcíssimo nome de Maria, porque ela é minha mãe, minha mestra, minha diretora e meu tudo, depois de Jesus.

Meu nome ficou Antônio Maria Claret. Irmãos, tive onze. Seis homens e cinco mulheres.

A providência divina

Em toda minha vida sempre fui contemplado pela providência divina. O fato que vou narrar, acontecido na minha infância, vai confirmar essa experiência.

Minha mãe sempre criou sozinha os seus filhos. Eu fui exceção. Por motivo de saúde, ela teve que me confiar aos cuidados de uma ama-de-leite, residente no mesmo povoado, e com ela permanecia de dia e de noite.

Aconteceu que o dono da casa resolveu ampliar um tanto mais os cômodos da mesma, a fim de instalar ali uma vendola, e fez umas escavações demasiado profundas, que acabaram por afetar os antigos alicerces. Ora,

aconteceu que as paredes apresentaram trincas que foram se alargando até desabarem de vez. Ruiu toda a casa. A proprietária, minha ama-de-leite, com os quatro filhos que tinha, ficaram sepultados nos escombros. E se eu tivesse dormido com eles, naquela noite, me caberia o mesmo destino.

Seja sempre bendita a providência de Deus! E quantas graças tenho a dar a Maria Santíssima que, desde menino, me tem livrado de tantos outros apuros.

Texto do livro "Santo Antônio Claret por ele mesmo", padre Elias Leite, cmf, Editora Ave-Maria. Uma tradução da autobiografia de santo Antônio Maria Claret, feita pelo autor, em linguagem para os nossos dias, a fim de que pudesse tornar sua narrativa pessoal mais fluente e literária, num estilo popular, sem lesar seu conteúdo e o jeito de narrar.

200 anos



Trajatória de Claret

- 1807: (23/12) - Nascimento de Claret, Sallent, Espanha.
- 1819: Aprendiz na fábrica de tecidos da família.
- 1828: Vai a Barcelona aperfeiçoar-se na arte têxtil.
- 1829: Ingressa no Seminário de Vic.
- 1835: É ordenado sacerdote em Solsona.
- 1841: Muda-se para Vic a fim de dedicar-se exclusivamente às missões.
- 1847: Funda a Livraria Religiosa.
- 1849: (16/7) - Funda a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (claretianos) com os padres Estêvão Sala, Manuel Vilaró, José Xifré, Domingo Fábregas e Jaime Clotet.
- 1850: Recebe a consagração episcopal em Vic. Funda as Religiosas em Suas Casas ou Filhas do Coração de Maria.
- 1851: Desembarca em Santiago de Cuba.
- 1854: Funda as Caixas de Poupança nas paróquias.
- 1855: Inicia a Casa de Caridade ou Granja Agrícola em Porto Príncipe (hoje Camaguey).
- 1855: Decreto de fundação das Religiosas de Maria Imaculada - Missionárias Claretianas, das quais é fundador junto com madre Antonia París.
- 1857: Regressa à Espanha, como confessor da rainha.
- 1859: Preside o capítulo geral de seus missionários.
- 1861: Começa a escrever sua autobiografia.
- 1863: Funda a Congregação das Mães Católicas.
- 1865: Compila as Constituições da sua congregação
- 1868: Juntamente com a rainha, é desterrado para a França pela revolução espanhola.
- 1869: Assiste à abertura do Concílio Vaticano I.
- 1870: Ao ser perseguido, refugia-se no mosteiro cisterciense de Frontfroide, perto de Narbona. No dia 24 de outubro, Claret morre, rodeado por alguns missionários e pelos monges cistercienses.
- 1887: Abre-se o processo de sua beatificação em Vic.
- 1897: Seus restos mortais são trasladados para a Igreja das Mercês, em Vic.
- 1934: Beatificação.
- 1950: (7/5) - Canonização de santo Antônio Maria Claret.

Paróquia
Santa Maria,
Sallent, Espanha.



Oração dos 200 anos do nascimento de Claret

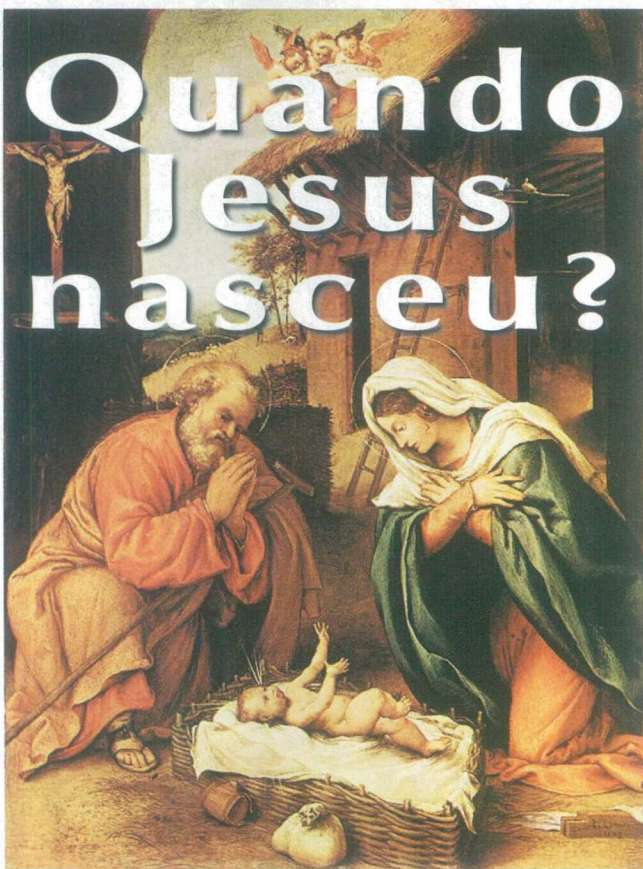
*Pai nosso,
Vós ungistes com vosso Espírito
santo Antônio Maria Claret
para fazê-lo ouvinte assíduo
e servidor fiel da vossa Palavra.
Neste segundo centenário do seu nascimento,
nós vos damos graças pelo dom da sua vida
e pela fecundidade da sua missão.
Suscitai na Igreja muitos evangelizadores
que, impelidos pela caridade de Cristo,
abram por onde passarem
e procurem por todos os meios
inflamar o mundo inteiro
no fogo do vosso amor.
Concedei-nos, Senhor, com sua ajuda
e por intercessão do Coração de Maria, nossa mãe,
crescermos na fé, na esperança
e na entrega incondicional a Vós e a todos os irmãos
para podermos alegrar todos juntos um dia
de vossa presença, na morada do vosso Reino.
Amém.*

PRESEÇA CLARETIANA NO MUNDO

(Todos os países e detalhes dos seus trabalhos em cada um deles)

www.claretianos.com.br - ir em: Página Oficial (coluna a esquerda) > Português.

Depois: Quem Somos > Claretianos no Mundo > Mapa dos Claretianos > Escolha um país e clicar.



Regina Maria de Almeida

Jesus é tão importante para a humanidade que os papas da Idade Média resolveram dividir a história em antes e depois dele. Segundo escritos do monge Dionísio, o Pequeno (550 d.C.), Cristo teria nascido no ano 754 depois da fundação de Roma. Ele designou esse ano como o ano 1 da nova numeração da história, permanecendo em uso até hoje.

Posteriormente, descobriu-se que esse cálculo tinha um erro: Herodes, o Grande, que estava ainda no trono no tempo do nascimento de Jesus, morreu no ano 750 da fundação de Roma. A data mais provável do “recenseamento” do imperador Augusto é 747. Esta data concordaria também com a da aparição da “estrela de Belém”, levando-se em consideração a conjunção dos planetas nesse ano.

Obtém-se, assim, como data mais provável do nascimento de Cristo, o ano 7 “antes de Cristo”, ou seja, antes do ano calculado pelo monge Dionísio.

Para estabelecer uma comparação entre a vida de Jesus e a história da época, o único ponto de referência na *Bíblia* aparece em Lucas: *No ano décimo quinto de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judéia, Herodes, tetrarca da Galiléia (...) sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto (3,1-2).*

Já que o imperador Augusto morreu no ano 14 da nossa era, o décimo quinto ano de Tibério é 29 d.C. Nos escritos do monge Dionísio, o Pequeno, esta data vinha confirmar a notícia de Lc 3,23, segundo a qual Jesus tinha cerca de trinta anos quando deu início à sua vida pública. Todavia, já que Augusto nos últimos anos de vida já tinha associado ao governo o enteado Tibério, o ano décimo quinto deste poderia coincidir também com o ano 26 d.C.

Embora não seja possível fixar exatamente o ano do nascimento de Jesus, pode-se concluir que este aconteceu nos últimos anos de vida do rei Herodes (8 a 4 a.C.). Sua morte e ressurreição teve lugar numa festa de Páscoa entre 28 e 33 d.C., sob o governo do procurador romano Pôncio Pilatos (que governou essa região de 26 a 36 d.C.).

A luz vence a escuridão

Os cristãos, pela *Bíblia*, não têm como saber a data do nascimento de Jesus Cristo. Nada foi documentado. Também, através de uma leitura teológica, vemos Cristo como Deus, e por isso presente na história desde sempre: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1).

Mas, como faz parte de nossa cultura celebrar as fases marcantes da vida, os cristãos quiseram comemorar o nascimento de Jesus.

Apesar de não saberem quando Jesus nasceu, os cristãos desde o tempo de Tertuliano, no século III, comemoram simbolicamente essa data.

Nessa época, eram obrigados a adorar o deus pagão Mítras. Segundo os romanos, esse deus nascia como o símbolo do sol, vindo da noite para o dia, transformando a escuridão.

Essa festa pagã tinha muitas características que se adaptavam perfeitamente a Jesus Cristo, o verdadeiro Deus. Ele é a luz do mundo, que surge para instituir a vitória da vida sobre a morte.

Outras denominações religiosas, porém, celebram ainda hoje o nascimento de Jesus em outras datas, como os ortodoxos (6 de janeiro).

Vinte e cinco de dezembro é um dia puramente simbólico. De fato, Jesus não nasceu no tempo de inverno (hemisfério norte), mas certamente no verão, época em que os pastores estavam no campo.

Atualmente, o Natal representa para nós, do hemisfério sul, a comemoração da plenitude da luz. É um dos dias mais longos do ano. Que nesse dia possamos estar em comunhão com Cristo, agradecendo e partilhando a própria vida com os irmãos.

Regina Maria de Almeida é teóloga, assessora bíblica do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), São Paulo. www.partilhando.com.br - reginama6@uol.com.br



SER LUZ E PRESENTES PARA OUTROS

EPIFANIA DO SENHOR

6 de janeiro de 2008

1ª Leitura: Isaías – 60, 1-6

Apareceu sobre ti a glória do Senhor.

Com essas palavras Isaías convoca todos os que retornavam do exílio a restaurar Jerusalém. Dessa forma, a cidade santa retomaria sua missão de ser a cidade símbolo, o sinal de salvação para todos os povos e nações. Isaías exalta Jerusalém e com a finalidade bem clara: fazer de seus habitantes mensageiros dos louvores do Senhor. Sua missão: Jerusalém mostrar ao mundo que o projeto de salvação de Deus inclui todos os povos, culturas, nações e religiões. O sonho do profeta se realizou, quando sobre aquela cidade começou a brilhar a luz de Cristo.

Salmo responsorial 71,1-2.7-8.10-13

As nações de toda a terra hão de adorar-vos, ó Senhor!

2ª Leitura: Efésios 3,2-3a.5-6

Agora foi nos revelado que os pagãos são co-herdeiros das promessas.

A Carta de Paulo aos Efésios, no trecho de hoje, amplia nossa leitura do profeta Isaías. Dá-nos mais firmeza e segurança para dizer que a salvação é oferecida por Deus para todos. Paulo diz que pagãos são admitidos à mesma herança, membros do mesmo corpo, associados à mesma promessa, em Jesus Cristo, por meio do Evangelho. Dessa forma, não se compreende como cristã uma comunidade que discrimina as pessoas e se fecha como se fosse um clube de santos e ou de privilegiados.

Será que os pobres e pecadores, companheiros mais próximos da prática de Jesus se sentem bem acolhidos em nossas comunidades? Invertendo a pergunta: será que nossas comunidades são sinal de salvação de Deus oferecida a todos?

Aclamação ao Evangelho: Mateus 2,2

Aleluia! Aleluia! Aleluia! Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorar o Senhor. Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Evangelho: Mateus 2,1-12

Vimos do Oriente adorar o Rei.

A estrela é Jesus!!! Mateus fala que alguns magos do oriente, sábios, perceberam um sinal diferente, identificado com uma “estrela” que eles seguiram. O Evangelho quer mostrar, dessa forma, que os povos não-judeus acolheram a luz do anúncio cristão e, de fato, encontraram Jesus, acolhendo esse anúncio pela fé. Os magos foram a Jerusalém à procura do rei

dos judeus, título messiânico, para prestar-lhe homenagem. O rei Herodes, ouvindo isso, reuniu os sumos sacerdotes e doutores da lei e perguntou-lhes onde deveria nascer o Messias. ‘Na cidade de Belém, no território de Judá’, responderam. “Será um chefe e Pastor do Povo de Israel, como está escrito no Livro sagrado. Essa resposta revela que os sacerdotes e doutores da lei, os líderes religiosos do povo de Israel, conheciam bem as Escrituras, mas apesar disso eles não aceitaram Jesus.

Os magos continuaram sua busca e tendo encontrado o Menino, ofereceram-lhe seus presentes, que têm também um sentido mais profundo: o ouro significa a realeza de Jesus e seu reconhecimento com Rei-Messias; o incenso, o reconhecimento de sua divindade; e a mirra, o sofrimento do Messias, na Paixão. Realeza, divindade e paixão: eis a síntese da missão de Jesus, o resumo de todo o Evangelho.

REVISÃO DE VIDA

Nos dias de hoje, como nos tempos de Jesus, diante da estrela as pessoas assumem posturas diferentes. Existem as que, como os magos, se ajoelham, reconhecem nele a luz do mundo e se submetem, há outras que permanecem indiferentes e outras, enfim, que tentam apagar essa luz. Todos viram a mesma realidade: um menino recém-nascido, mas as opções foram e são diferentes. Quem está em condições de reconhecê-lo? Os que se deixam iluminar pela Escritura que nos fala dele.

A festa da Epifania nos convida a ser luz e presente para os outros, sem distinção de sexo, raça, classe social ou religião.



LEITURAS DA EPIFANIA DO SENHOR

7 – SEGUNDA: 1Jo 3,22 - 4,6 = Deus permanece conosco. Sl 2. Mt 4,12-17.23-25 = O reino de Deus está próximo. **8 – TERÇA:** 1Jo 4,7-10 = Deus é amor. Sl 71. Mc 6,34-44 = Primeira multiplicação dos pães. **9 – QUARTA:** 1Jo 4,11-18 = O Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Sl 71. Mc 6,45-52 = Jesus anda em cima da água. **10 – QUINTA:** 1Jo 4,19-5,4 = Quem reconhece que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus. Sl 147. Lc 4,14-22a = O Espírito do Senhor ungiu-me e me enviou. **11 – SEXTA:** 1Jo 5,5-13 = Três são os que dão testemunho. Sl 147. Lucas 5,12-16 = Cura de um leproso. **12 – SÁBADO:** 1Jo 5,14-21 = O Filho de Deus veio e nos deu entendimento. Sl 149. Jo 3,22-30 = Importa que ele cresça e que eu diminua.



JESUS CRISTO VIVEU FAZENDO O BEM!

BATISMO DO SENHOR 13 de janeiro

1ª Leitura: Isaías 42, 1-4.6-7

Eis o meu servo; nele se compraz minha alma.

Na segunda parte do livro de Isaías, o autor, a certa altura, introduz a história de um personagem envolto em mistério, chamado, o Servo do Senhor. Quem é ele: um indivíduo concreto, ou um personagem simbólico que representa todo o povo de Israel? Os estudiosos da *Bíblia* ainda não conseguiram dar uma resposta definitiva para esta pergunta. Os primeiros cristãos identificaram, logo, a imagem de Jesus. Como chegaram a esta identificação? Eles perceberam que aquilo que o Profeta disse do "Servo do Senhor" se realizou plenamente em Jesus de Nazaré.

A leitura de hoje nos conduz ao começo da história deste Servo. Inicialmente é apresentado o seu chamado! Ele foi escolhido por

Deus! A obra que este servo está destinado a cumprir: anunciará o direito a todos os povos. Espalhará pelo mundo o conhecimento de Deus e a sua mensagem de amor.

Salmo responsorial 28,1-10

Que o Senhor abençoe, com a paz, o seu povo!

2ª Leitura: Atos dos Apóstolos 10,34-38 *Foi ungido por Deus com o Espírito Santo.*

Pedro na leitura de hoje nos dá um recado muito importante: Deus não faz acepção de pessoas. Ele não julga as pessoas pelas aparências ou pelas classificações às quais estamos acostumados: raça, cor, religião, gênero, classe social. O critério de Deus é outro. Ele acolhe quem quer que o tema e pratique a justiça. Pedro destaca o batismo proclamado por João como o começo da missão de Jesus. Foi aí que Jesus recebeu a unção do Espírito Santo, que lhe conferiu o poder e o tornou apto para a missão que o Pai lhe confiara.

Esse mesmo Espírito derramado sobre Jesus por ocasião de seu batismo, cairá sobre os pagãos. Esse é o núcleo da mensagem de Pedro no discurso que fez em casa do pagão Cornélio. Daí para frente, a missão entre os pagãos tem escancarada sua porta e só poderá dizer que conhece a Deus quem pratica a justiça, não quem pertence a este ou àquele povo.

Aclamação ao Evangelho: Marcos 9,6

Aleluia! Aleluia! Aleluia! Abriam-se os céus e fez-se ouvir a voz do Pai: Eis meu Filho muito amado; escutai-o, todos vós! Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Evangelho: Mateus 3,13-17

Depois de ser batizado, Jesus viu o Espírito de Deus pousando sobre ele.

O Batismo do Senhor é a última festa do tempo do Natal. Essa é a primeira aparição pública de Jesus adulto relatada no Evangelho. Ele quis marcar o início dessa missão com o gesto de fazer-se batizar por João. Jesus é apresentado como superior a João, mas solidário à humanidade pecadora; como investido da força do Espírito, para a missão e Filho amado do Pai. De fato, João reconhece Jesus como aquele que traz o novo. Podemos perceber a importância que Mateus dá ao batismo de Jesus. Ao menos três aspectos devem ser explicitados e ressaltados nesse episódio.

Por que Jesus se fez batizar? O batismo de Jesus significa solidariedade ao ser humano. O batismo de João é de conversão, arrependimento dos pecados! Jesus não tinha pecado! Por que batizar? Jesus solidário assume a condição da humanidade até o fim com todas as suas conseqüências. Assumiu a nossa natureza pecadora, nossa situação real histórica.

REVISÃO DE VIDA

O batismo de Jesus aponta para o amor fraterno e solidário. Qual é o projeto do Pai e a missão do Filho? Jesus realiza a vontade do Pai. E o que agrada ao Pai? Jesus resume toda a lei no amor a Deus e ao próximo. Jesus apresenta como exemplo desse amor aos que sofrem e passam necessidade. Nelas descobrimos que amando os irmãos, amamos a Deus, presente em seus filhos sofredores.

LEITURAS 1ª SEMANA DO TEMPO COMUM

14 – SEGUNDA: 1Sm 1,1-8 = Ana profundamente entristecida por não ter um filho. Sl 115. Mc 1,14-20 = Início da pregação; os quatro primeiros discípulos. **15 – TERÇA:** 1Sm 1,9-20 = Ana obtém de Deus o nascimento de Samuel. Sl (1Sm 2,1.4-5.6-7.8. Mc 1,21-28 = Pregação em Cafarnaum; cura de um possesso. **16 – QUARTA:** 1Sm 3,1-10.19-20 = Vocação de Samuel: falaí, Senhor, o vosso servo escuta. Sl 39. Mc 1,29-39 = Cura da sogra de Pedro; milagres ao pôr-do-sol. **17 – QUINTA:** 1Sm 4,1-11 = Os filisteus vencem a batalha e tomam a arca da aliança! Sl 43. Mc 1,40-45 = Jesus cura um leproso. **18 – SEXTA:**

1Sm 8,4-7.10-22a = Samuel desaconselha o regime de realeza. Sl 88. Mc 2,1-12 = O paraplético e o perdão dos pecados. **19 – SÁBADO:** 1Sm 9,1-4.17-19; 10, 1a = Samuel consagra Saul como rei. Sl 20. Mc 2,13-17 = Vocação de Levi; Jesus com os "pecadores".





A FELICIDADE ESTÁ AO ALCANCE DE TODOS

2º DOMINGO TEMPO COMUM

20 de janeiro

1ª Leitura: Isaías 49, 3.5-6

Farei de ti luz das nações para que sejas minha salvação

Mais uma vez a figura do Servo do Senhor. Nesta leitura é apresentada a sua vocação. Como os outros grandes personagens do Antigo Testamento, ele é um escolhido de Deus desde o seio materno e enviado para cumprir uma grande missão. Neste segundo “Cântico do servo do Senhor”, ele não fala no cordeiro, mas deixa claro que o sacrifício do servo libertará não apenas Israel (ou Jacó), mas será luz para todos os povos. O universalismo da salvação, que será reafirmado por muitos outros textos, aqui é ressaltado de forma profética, que os primeiros cristãos citaram muitas vezes.

Salmo responsorial: 39, 2.4ab.7-9.10

Eu disse: Eis que venho, Senhor, com prazer faço a vossa vontade!

2ª Leitura: 1Coríntios 1,1-3
A vós, graça e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus!

Mais, uma vez Paulo escreve para responder a uma série de problemas que tinham surgido naquela comunidade. Apresenta-se como “apostolo por vocação” e sente necessidade de justificar sua própria autoridade. Ele foi escolhido por Deus, para anunciar o Evangelho nos lugares onde dele ninguém nunca teve notícia. A carta de Paulo se destina para a “Igreja de Corinto”. Com essa palavra *igreja* entende-se comunidade, o grupo de cristãos, de lá. Pessoas convocadas, pessoas chamadas por Deus. O importante também é a insistência que Paulo faz quanto à unidade que deve reinar entre os que acreditam no Cristo.

A definição que Paulo dá dessa Igreja é muito bonita. Ela é constituída por “todos aqueles que, em qualquer lugar, invocam o nome do Senhor Jesus Cristo”.

Aclamação ao Evangelho Jo 1,14a.12a

Aleluia! Aleluia! Aleluia! A Palavra se fez carne e habitou entre nós, todo aquele que a acolheu, de Deus filho se tornou. Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Evangelho: João 1, 29-34

Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo

O evangelista João quando descreve o batismo de Jesus por João Batista não está interessado em apresentar o batismo enquanto batismo. Ele está interessado em mostrar quem é Jesus e o faz com palavras

colocadas na boca do Batista. São três as afirmações principais a esse respeito:

Jesus é o Cordeiro de Deus, que nos faz lembrar de Isaías que comparou o Servo e o cordeiro levado ao matadouro... para a salvação de todos...

A segunda afirmação, Jesus é o que batiza com Espírito Santo, totalmente diferente do batismo de João Batista. O Espírito Santo confere vida nova à pessoa, torna-nos capazes de nos comunicar com Deus, de penetrar seu coração, de amá-lo e de sentir-se amado por ele. A última afirmação, Jesus é o Filho de Deus – era uma das tantas expressões usadas para indicar o Messias. Às palavras de João Batista a respeito de Jesus, o evangelista coloca essa certeza: “ele existia antes de mim”. Isso confirma a opinião do evangelho sobre a preexistência do Filho em unidade com o Pai, e portanto a sua divindade. Esse é o testemunho não só de João Batista e do evangelista João, mas de toda igreja, a respeito e Jesus.

REVISÃO DE VIDA

O evangelista João fez, assim das palavras de João Batista um testemunho rico, quase completo, a respeito de quem é Jesus. Está aí para nós um convite implícito a sermos, como João, aqueles que preparam “os caminhos” do Senhor”, que orientam as pessoas na direção de Jesus.... que abrem o coração de muitos para reconhecer em Jesus o Espírito de Deus e encontrar o rumo de uma vida nova, a felicidade de viver na intimidade com o Pai, e de fraternidade com os outros discípulos.

LEITURAS DA 2ª SEMANA DO TEMPO COMUM

21 – SEGUNDA: 1Sm 15,16-23 = Saul rejeitado pela sua desobediência. Sl 49. Mc 2,18-22 = Jejum; odres novos. **22 – TERÇA:** 1Sm16,1-13 = Samuel consagra Davi rei mediante a unção. Sl 88. Mc 2,23-28 = O sábado é feito para o homem. **23 – QUARTA:** 1Sm 17,32-33.37.40-51 = Davi vence Golias com a funda. Sl 143. Mc 3,1-6 = Jesus cura uma pessoa em dia de sábado. **24 – QUINTA:** 1Sm 18,6-9,1-7 = Inveja de Saul em face da prosperidade de Davi. Sl 55. Mc 3,7-12 = De um barco, Jesus ensina as multidões. **25 – SEXTA:** *Conversão de São Paulo* = At 22,3-16 = Levanta-te, recebe o batismo e purifica-te de teus pecados, invocando o nome de Jesus. Sl 116. Mc 16,15-18 = Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho. **26 – SÁBADO:** Santos Timóteo e Tito = 2Tm 1,1-8 = Evoco a lembrança da fé sem hipocrisia que há em ti. Sl 95. Mc 3,20-21 = Jesus cercado pela multidão.





AOS EXCLUÍDOS É ANUNCIADA A BOA NOVA DO REINO!!!

3º DOMINGO TEMPO COMUM
27 de janeiro

1ª Leitura: Isaías 8,23b-9,3
Na Galiléia, o povo viu brilhar uma grande luz

Quando Isaías pronuncia esta profecia, as tribos de Zabulon e Neftali ocupavam a Galiléia, a região norte da terra de Israel. A situação é dramática: os exércitos assírios invadiram-na e praticam todos os tipos de violência. Toda a nação está imersa nas trevas da morte. A luz para ele representa um rei, um descendente da família de Davi, destinado a cumprir a missão de eliminar as trevas introduzidas pelos invasores estrangeiros. A luz apareceu sobre as montanhas da Galiléia, mas somente 700 anos após, no começo da vida pública de Jesus. O domínio dos assírios já tinha sido destruído há centenas de anos... mas ainda a Galiléia continuava rodeada de trevas... Mas, Jesus começou o seu ministério e a sua palavra foi a luz que iluminou a todos os homens de boa vontade.

Salmo responsorial: 26,1.4.13-14
*O Senhor é minha luz e salvação.
O Senhor é a proteção de minha vida.*

2ª leitura: 1Coríntios 1,10-13.17
Sede todos concordes uns com os outros e não admitais divisões entre vós.

Quando Paulo escreve a primeira carta aos cristãos de Corinto, ele estava em Éfeso, a capital política e religiosa da província romana da Ásia. Um dia chega àquela cidade um grupo de pessoas vindas de Corinto, trazendo uma carta a Paulo dos cristãos daquela comunidade. Pessoas da família de Cloé comunicam a situação da comunidade de Corinto. Por sinal, péssima! Discórdias e confusões, invejas, críticas destrutivas, murmurações. Paulo ouve em silêncio. Depois chama o seu ajudante e começa a ditar-lhe uma carta para aquela comunidade. O primeiro ponto é sobre a divisão entre eles. Paulo afirma: Cristo não pode ser dividido. Ele e os apóstolos não são os donos da Igreja, mas unicamente servos...

Aclamação ao Evangelho: Mt 4,23
Aleluia! Aleluia! Aleluia! Pois do Reino a Boa Nova Jesus Cristo anunciava e as dores do seu povo, com poder, Jesus curava. Aleluia! Aleluia! Aleluia!


Evangelho: Mateus 4,12-23
Foi morar em Cafarnaum, para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías.

A leitura de hoje está dividida em três partes. No início fala da atividade de Jesus na Galiléia, depois relata o chamado dos primeiros discípulos e por fim apresenta um

resumo daquilo que Jesus fazia. Ele viveu por mais de trinta anos em Nazaré, como carpinteiro, depois foi para Cafarnaum considerada como sua segunda pátria. Neste fato Mateus vê a realização da profecia de Isaías. O povo que estava nas trevas, viu uma grande luz. Há ainda uma segunda lição: Cafarnaum capital da Galiléia, cidade situada perto do lago é região não habitada por israelitas de raça pura. Os galileus são desprezados pelos judeus de Jerusalém. É nesta Galiléia dos pagãos, ou semipagãos que Jesus inicia sua missão. A luz da sua palavra não está destinada apenas para o grupo de judeus puros, mas também aos excluídos...

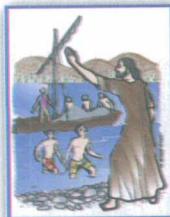
Quanto ao chamado dos primeiros quatro discípulos, é um texto sobre a vocação de cada cristão. Quando Deus faz ouvir a sua voz, os homens devem responder com a mesma prontidão e generosidade de Pedro, André, João e Tiago. Eles abandonaram tudo para seguir o Mestre. Como entender o chamado de ser pescadores de homens? O pescador está relacionado com o mar, que naquele tempo era considerado, lugar escuro, perigoso, misterioso, terrível, moradia do demônio, das doenças e de todas as forças inimigas da vida.... A terceira parte: resume as três atividades que Jesus fez a favor dos homens: ensina, anuncia a boa nova e cura os doentes.

REVISÃO DE VIDA

Jesus é a luz da humanidade. Somos chamados à conversão para segui-lo, fazendo a vontade de Deus, pondo em prática a sua Palavra. Devemos não apenas anunciar a vinda do Reino, mas mostrar que o poder de Deus está presente, realizando o que nós sozinhos não podemos fazer. 

LEITURAS 3ª SEMANA DO TEMPO COMUM

28 – SEGUNDA: 2Sm 5,1-7.10 = Davi reúne o povo de Deus. Sl 88. Mc 3,22-30 = Jesus acusado de agir pelo diabo! Pecado contra o Espírito Santo. **29 – TERÇA:** 2Sm 6,12b-15.17-19 = Davi dança em presença da arca. Sl 23. Mc 3,31-35 = A mãe e os “irmãos” de Jesus. **30 – QUARTA:** 2Sm 7,4-17 = Deus promete construir a casa real de Davi. Sl 88. Mc 4,1-20 = Parábola do semente da palavra. **31 – QUINTA:** 2Sm 7,18-19.24-29 = Oração humilde e agradecida de Davi. Sl 131. Mc 4,21-25 = Lâmpada à vista; medida generosa. **1º DE FEVEREIRO – SEXTA:** 2Sm 11,1-4a.5-10a.13-17 = Davi adúltero e homicida. Sl 50. Mc 4,26-34 = Semente que germina sozinha; grão de mostarda. **2 – SÁBADO:** Apresentação do Senhor - Mt 3,1-4 = O Senhor a quem buscais entrará no seu Templo. Sl 23. Lc 2,22-40 = Meus olhos viram a tua salvação.



Hábito de leitura

J. B. Libânio

Os hábitos lançam raízes nos primeiros anos maleáveis da existência. O tempo enrijece-nos e as conquistas sobre nós mesmos se tornam mais difíceis. Nada como começar bem a vida e semear nela sementes que amanhã frutificarão. Fertilizar areais custa muito. Que o diga Israel!

A criança lentamente prepara-se para a vida com a curiosidade instintiva de quem quer conhecer, tocar com as mãos. A leitura pertence aos primeiros hábitos da vida de estudos. Cícero, clássico da língua latina, joga com a etimologia de ler, que em latim é *legere*. Denota a idéia de tomar, colher alguma coisa, como um fruto da árvore. O texto é a árvore da qual o leitor recolhe os frutos. Uma série de palavras em português tem dentro o verbo ler. A inteligência lê dentro. Eleger um candidato é lê-lo, tirando-o para fora (pelo voto); ser diligente é ler o amor. Importa perceber nas etimologias a experiência do ser humano de valorizar o ler.

Um escritor francês dizia: “Não há outro método de pensar a não ser ler os pensadores” (Alain). Mais. Com as pessoas vivas, conversamos. Captamos de seus lábios os pensamentos, as idéias, as riquezas espirituais que nos transmitem. E as que morreram? E os inumeráveis gênios que passaram pela história e se foram? Como nos fazer presentes a eles? Pela leitura.

ra. Ela permite-nos maravilhoso passeio pelas paisagens desenhadas por poetas, romancistas e outros escritores que vivem ou que já se foram. A leitura é ponte para o mistério dos que tiraram o véu de si pela escrita de qualquer tempo e geografia.

A leitura cobre a distância do tempo e do espaço. Alguém já partiu, lemos o seu legado. Alguém está longe, lemos as suas cartas e mensagens. É verdade que hoje o som da voz nos chega mais facilmente. Mas nem sempre é possível enquanto que a escrita atravessa espaços pela via da Internet. A voz desaparece mais facilmente que a escrita. “Verba volant, scripta manent” – as palavras voam, os escritos permanecem.


Um adolescente enamora-se e guarda confuso dentro de si essa ardente experiência. Outra pessoa mergulha-se no desespero, na noite escura da dor, sem esperança. Esbarra com a autobiografia do escritor francês Psichari e ei-lo reerguendo-se com coragem. As obras literárias são retratos de experiências diversas que iluminam as nossas.

Quem não se comoveu lendo os líricos? Quem não ficou siderado lendo os romances à espera do desfecho final? Quem não subiu às alturas da beleza lendo os clássicos? Há experiências humanas codificadas em letras para todos os gostos e desejos!

E o cristão? Para ele, a leitura ainda é muito mais importante. Pois o Cris-

tianismo é uma religião do livro. Para conhecer as gestas de Deus, o projeto maravilhoso da Trindade, necessita manejar as Escrituras, seja ouvindo-as em leitura feita por outro, seja lendo-as ele mesmo.

A revelação aos profetas e discípulos se teria perdido nas tradições orais, se não houvesse a escrita. E esta se perderia no silêncio das letras, se não houvesse a leitura. Ler pertence ao ato fundante da fé cristã. Paulo diz que a fé vem do ouvir (Romanos 10, 17). Mas o que se ouve? O que se lê nas Escrituras e se vivencia na vida. No correr da vida, a fé se vê ameaçada por dúvidas e oposições. Na cerimônia do batismo, o sacerdote reza sobre a criança já batizada, lembrando o gesto de Jesus de fazer os surdos ouvirem e os mudos falarem, para que ela logo ouça a palavra de Deus e a proclame. E poder-se-ia acrescentar, ampliando o pedido, para que ela leia tal Palavra. O que foi oração no batismo, que se transforme em vida à medida que se cresce!

Para muitos, o mês de dezembro anuncia início de férias escolares ou laborais. O tempo parece caminhar mais devagar. Enche-se facilmente com infimas horas de TV ou internet. E por que não guardar momentos para a leitura? Alimento da inteligência e do coração. 

J. B. Libânio é professor e diretor emérito da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.



Viabilizando o futuro com sustentabilidade

Maria Ângela Cabianca

Os últimos encontros internacionais que trataram de questões que afetam a humanidade apontam o desenvolvimento sustentável como única saída para os graves problemas sociais e ambientais que ameaçam o Planeta.

Foto: Silvano Vinco Esgalha

O conceito de sustentabilidade, ao ser introduzido na década de 80, parecia pouco compatível com os modelos de desenvolvimento existentes no mundo. Até então, estava relacionado à exploração dos recursos para produzir riquezas, sem que fosse considerada a capacidade de sua renovação ou conservação.

As evidências dos impactos ambientais e sociais, decorrentes da disseminação desse modelo predatório, produziram crescentes manifestações em diversas partes do mundo, promovendo uma série de encontros internacionais para tratar de questões relacionadas às rápidas transformações causadas à natureza.

A idéia de desenvolvimento sustentável vincula a satisfação das necessidades atuais da humanidade à garantia de disponibilidade dos recursos necessários à sobrevivência das gerações futuras.

As reuniões realizadas ao longo das duas últimas décadas estabeleceram os pilares para o desenvolvimento sustentável: o econômico deveria estar associado ao social e à proteção ambiental. Porém, reconhecia-se a complexidade de se integrarem questões tão críticas como pobreza, desperdício, degradação ambiental, crescimento populacional, escassez de recursos, concentração de riqueza.

O processo de globalização que se intensificou nesse período produziu também ameaças à identidade de vários povos, o que resultou na inclusão de outro aspecto importante na discussão: a sustentabilidade cultural, já que a cultura de um povo também é um recurso a ser valorizado e preservado, contendo, muitas vezes, os requisitos de uma relação harmônica entre os seres humanos e a natureza de diferentes localidades da Terra.

O maior desafio apresentado pela idéia da sustentabilidade é conciliar crescimento econômico e geração de riquezas à manutenção dos principais recursos necessários à sobrevivência.

As possibilidades de escassez de água, a destruição da vegetação, a degradação do solo, o aumento da poluição, o acúmulo de lixo e as mudanças climáticas, mais perceptíveis nos últimos anos, parecem ser decorrência inevitável do desenvolvimento econômico e da produção de riquezas do mundo atual.

Países pobres, que se encontram em desvantagem com relação à aquisição de novas tecnologias e de bens produzidos nos países ricos, ao explorarem irracionalmente seus recursos naturais, agravam sua situação de pobreza e desigualdade, originando, muitas vezes, conflitos sociais e políticos de difícil solução. Mesmo assim, alguns governos ainda relutam em rever seu modelo de desenvolvimento, alegando o risco de ter que frear seu crescimento econômico ao adotar medidas que visem a reduzir os impactos sobre o ambiente.

Os últimos encontros internacionais que trataram de questões que afetam a humanidade apontam o desenvolvimento sustentável como única saída para os graves problemas sociais e ambientais que ameaçam o Planeta. Enfatiza-se a urgência de transformações no nosso modo de explorá-lo, priorizando o respeito aos direitos de todos os povos — os de hoje e os de amanhã.

Maria Ângela Cabianca é mestre em Ecologia e doutora em Saúde Ambiental, professora de Geografia e Ecologia nos cursos de Arquitetura e Turismo da Universidade Anhembi Morumbi.

Prazer ou dor?

José Alem

Ador e o sofrimento são alternativas cotidianas e comuns à natureza e à realidade de todas as pessoas. Constituem sua condição normal e básica de tal modo que negá-los ou crer que possam ser eliminados é, em última análise, uma ilusão, uma utopia que, caso se concretizasse, a deixaria sem sustento. Não se trata de promover o sofrimento, mas de afirmar a sua inegável existência e a sua inevitável presença na vida humana.

Cada dia somos mais bombardeados com a idéia e a suposta solução de uma vida só de prazer e satisfação, livre de qualquer sofrimento e dor. Parece haver tantas maneiras de se chegar a experimentar a “plenitude do prazer” terreno “isento” de sofrimento, que é uma tolice sofrer.

Curiosamente esquecemos a nossa própria realidade humana, a esvaziamos, ou acabamos por esvaziá-la, daquilo que a redime ou que a eleva. Pois todo o sofrimento, entendido na sua possibilidade, tem a capacidade de manifestar um sentido mais elevado da vida. Mas freqüentemente afastamo-nos da sua identidade e sentido. Nós a esvaziamos de valores.

A vida humana é uma realidade dinâmica, isto é, em permanente mudança, em movimento, aberta a novas descobertas sobre o valor da própria existência. Mas essa dinâmica se desenvolve em um horizonte de valores que se manifestam como realidades permanentes e estáveis, eternas. O amor sempre será amor; a solidariedade, o respeito, a família, *et cetera*, sem-

pre representarão a mesma realidade a que se referem. Mas não é verdade que vão mudando com o passar do tempo? Por exemplo, nossos antepassados, mesmo os mais próximos, viveram o amor de forma diferente daquela que o viveram os nossos pais e ainda muito mais diferente de como o vivemos hoje. Mas isso comprova também que os valores são permanentes, estáveis, são bens-em-si. Mudou a maneira de encarar esses valores, o modo de entendê-los e interpretá-los, mas eles estão sempre vivos e presentes. E isso ocorre não somente de época para época ou de geração em geração, ocorre também de pessoa para pessoa. Quando assumo um valor eu o reconheço como um *bem-em-si* e o constituo um bem para mim, ele adquire então, um sentido pessoal singular, individual. Assim, ele torna-se

parte de minha existência pessoal. Desse modo, os valores constituem o fundamento mais estável, o terreno onde a vida vai se desenvolver.

A necessidade de ter valores e me deixar orientar por eles é um desejo básico da vida e é estimulada pela necessidade natural de descobrir sentido em tudo aquilo que devo viver. Em mim, em você, em cada pessoa palpita uma necessidade, uma verdadeira fome de sentido, tão natural à nossa humanidade quanto a nossa necessidade e fome de alimento, de conhecimento, de afeto, de segurança, de convivência, de felicidade.

Por isso o ser humano pode ser definido como alguém em permanente busca de sentido para sua vida. É um “buscador de sentido”. Essa condição é tão espontânea quanto natural a qualquer ser humano; se não for satisfeita, pode deixar a vida vazia com graves danos e conseqüências.

O ser humano é um ser “incompleto”, que vive e luta para se completar. Vai alcançando seu objetivo ao longo da vida, de muitas maneiras, muito especialmente através e a partir dos vínculos que vai constituindo. Se a vida de algum ser humano é baseada em valores verdadeiros que lhe inspiram e orientam sua vida, certamente isso lhe dará condições de descobrir um sentido que complete sua existência. Caso contrário, o vazio tomará conta e pode gerar uma insatisfação permanente que nada poderá preencher.



José Alem é missionário claretiano, educador, comunicador e autor do livro: **Vida e Sentido**. Contato: josealem@bol.com.br



Foto: Avelino

A CATEQUESE É ESSENCIAL E INSUBSTITUÍVEL

Irmão Nery

“A catequese é um ato essencialmente eclesial” (Diretório Nacional de Catequese, DNC, 233)

1. O fundamental na catequese

Diz o DNC que “a catequese é um processo formativo, sistemático, progressivo e permanente da educação da fé. Ela promove a iniciação à vida comunitária, à liturgia e ao compromisso pessoal com o Evangelho. A catequese prossegue pela vida inteira, aprofundando essa opção e fazendo crescer no conhecimento, na participação e na ação. A Igreja se edifica a partir da pregação do Evangelho, da Catequese e da Liturgia, tendo como centro a celebração da Eucaristia” (DNC 233).

2. Catequese, um serviço essencial

É uma graça imensa que nossa Igreja declare em documento oficial: “A catequese é um serviço essencial, insubstituível” e que “a comunidade cristã deve sentir-se responsável por esse serviço” (DGC 219 a; DNC 234). Diante disso, a diocese deve envolver na catequese todos os fiéis “num trabalho conjunto com os presbíteros, diáconos, religiosos(as), catequistas e membros da comunidade, em comunhão com o bispo”, porque “a catequese atinge diretamente as pes-

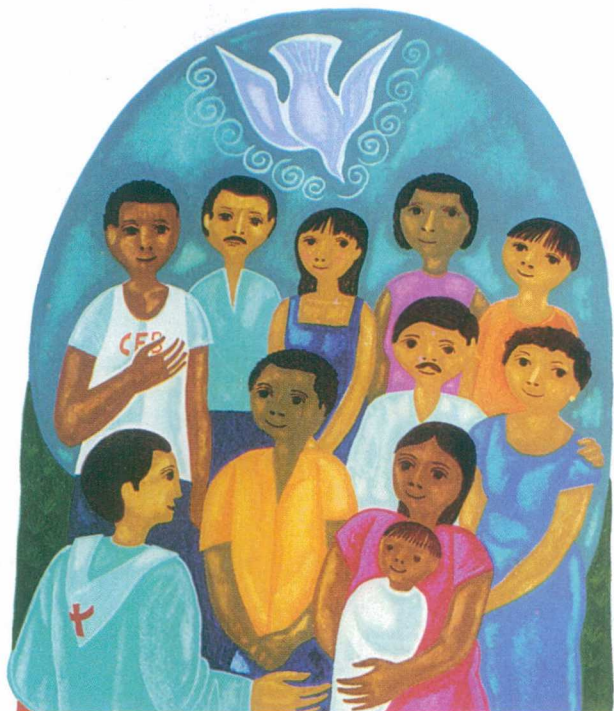
soas, suas experiências de vida, suas buscas profundas”, deixando claro que “o testemunho de vida fala mais alto do que as normas e exigências” (cf. DNC 235).

3. Um compromisso concreto

Mas o discurso tem de passar para a prática: “A Igreja é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de organizá-la melhor e de formar para ela pessoas qualificadas (CT 15, cf. CDC 775, DNC 235). O papa João Paulo II foi incisivo com os bispos: “que a preocupação em promover uma catequese ativa e eficaz não ceda nada diante de qualquer outra preocupação, seja ela qual for. O vosso papel principal há de ser o de suscitar e alimentar nas vossas Igrejas uma verdadeira paixão pela catequese; uma paixão, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, meios e instrumentos e, também, os recursos financeiros necessários. Podeis ter certeza disto: se a catequese for bem feita nas vossas igrejas locais, tudo o mais será feito com maior facilidade” (CT 63).

4. Catequistas generosos e bem preparados

É evidente que a catequese depende em grande parte do heroísmo dos catequistas, da espiritualidade deles, dedicação e competência. Mas é evidente também que é necessário provê-los dos recursos necessários para a sua missão e para a sua formação. Eles são voluntários generosos e dedicados e muitos, apesar de pobres, gastam de seu pouco dinheiro para poderem ser catequistas. Ora, ensinam os bispos: “a comunidade precisa tanto deles e, por isso, deve ter sensibilidade para pôr à disposição da catequese livros, material pedagógico, cobertura financeira para cursos, encontros, reuniões das quais devem participar” (DNC 236; cf. CDC 779).



Plintuda: Cerezo Barreiro

Irmão Nery, fsc é presidente da SCALA (Sociedade de Catequistas Latino-americanos), autor de Natal, teologia, tradição e símbolos, Ed. Santuário. Contato: irnery@yahoo.com.br

A palavra é... DOMINGO

Quem de nós não fica esperando pela chegada do fim de semana? Ou, melhor ainda, do domingo? Pena que nem todos temos o mesmo objetivo. Aliás, poucos de nós conhecemos o sentido profundo do domingo.

Maciel M. Claro

A palavra **domingo** é derivada do latim *dies dominicus*, que significa "dia do Senhor". Domingo é, portanto, um nome cristão, uma vez que faz referência à Ressurreição de Cristo. Mas nem sempre foi assim.

No Império Romano cada dia da semana era associado a um astro. O primeiro dia da semana era o *dies Solis* ou dia do Sol. Segunda-feira era *dies Lunae*, o dia da Lua; terça-feira, *dies Martis*, o dia de Marte; quarta-feira, *dies Mercurii*, o dia de Mercúrio, e assim por diante.

Em alguns idiomas, essa denominação permanece inalterada. Por exemplo, em Inglês, *Sunday* é o dia do Sol (*Sun=Sol, day=dia*). Em Espanhol, os dias da semana (com exceção do domingo, que é igual ao Português) também seguem a denominação do Império Romano: *Lunes* (segunda-feira, dia da Lua), *Martes* (terça-feira, dia de Marte), *Miércoles* (dia de Mercúrio), *Jueves* (dia de Júpiter), *Viernes* (dia de Vênus). Também no idioma francês e no Italiano essa nomenclatura é seguida.

O domingo, como dia do Senhor, aparece em contraposição ao dia do Sol. Ou melhor, Cristo dá um novo sentido a este dia, pois Cristo é o Sol que ilumina nossa vida. Cristo mesmo nos diz: *Eu sou a luz do mundo* (Jo 8,12).

O domingo não é apenas o primeiro dia da semana. É também o "oitavo dia". Mas como é isso, se a

semana tem apenas sete? Vejamos: a Igreja celebra o mistério pascal a cada oito dias, ou seja, no dia do Senhor ou domingo. Por isso, o dia da Ressurreição de Cristo é ao mesmo tempo "o primeiro dia da semana", memorial do primeiro dia da

Criação e o "oitavo dia", em que Cristo, depois do seu "repouso" do grande sábado, inaugura "o dia que o Senhor fez para nós".

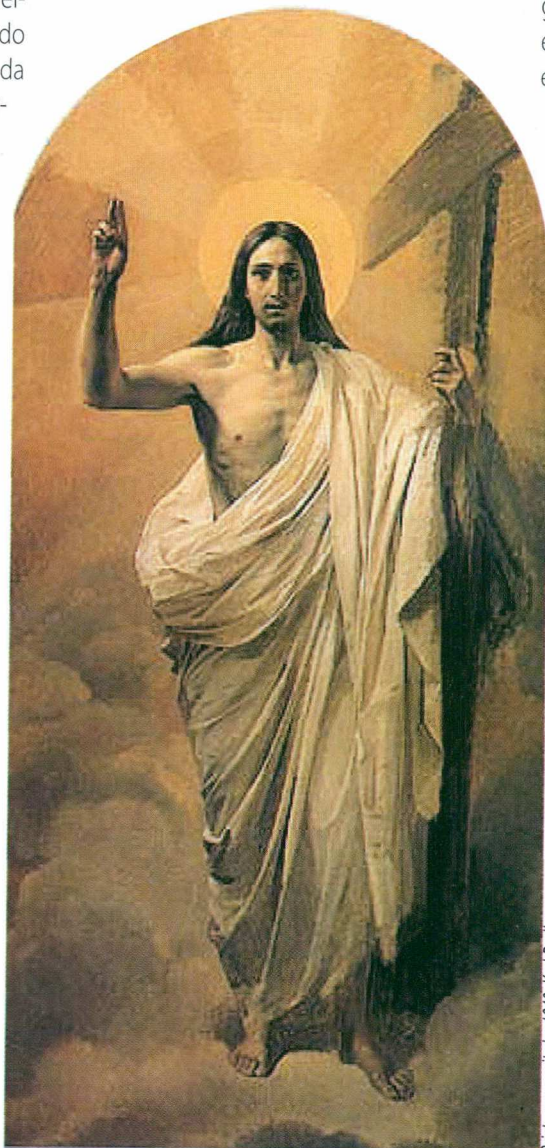
Mas por que algumas igrejas criticam os católicos dizendo que deveríamos guardar o sábado e não o domingo? A eles, podemos dizer que o domingo não é substituição do sábado, mas seu cumprimento perfeito, uma vez que no oitavo dia a Criação chega seu momento mais importante, com a Ressurreição de Cristo.

O papa João Paulo II diz na Carta Apostólica *Dies Domini*: "Aquilo que Deus realizou na Criação e o que fez pelo seu povo no Êxodo, encontrou na Morte e Ressurreição de Cristo o seu cumprimento (...). Em Cristo realiza-se plenamente o sentido "espiritual" do sábado. (*Dies Domini*, n. 18).

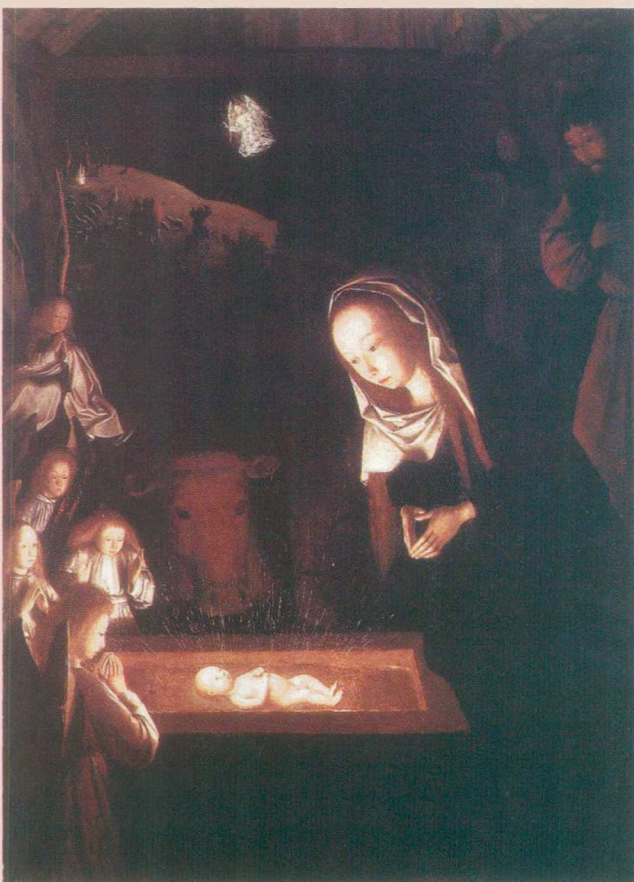
De tudo o que dissemos, o mais importante é que o domingo, "o dia do Senhor, o dia da Ressurreição, o dia dos cristãos, é o nosso dia". É por isso que se chama dia do Senhor, pois foi nesse dia que o Senhor subiu vitorioso para junto do Pai.

Façamos nossas as palavras de São Jerônimo: "O domingo é o dia da Ressurreição, o dia dos cristãos; é o nosso dia". (*Catecismo da Igreja Católica*, 1166).

Maciel M. Claro é sacerdote, missionário claretiano. Contato: maciel@avemaria.com.br



Cristo ressuscitado, 1840, Karl Brullow



Pintura: Noite de Natal, GEERTGEN tot Sint Jans, 1484-1490

A acolhida

Adelino Dias Coelho

cido muitas outras pessoas. Nascemos nós! E como nós, nasceu também seu Filho para nos mostrar sua imagem.

Não a de um Deus terrível, distante, mas bem próximo, acolhedor, companheiro de jornada. Para não perdermos o norte, disse que estaria presente na criança, no humilde, no desprezado, no excluído.

Não só falou, mas fez. Nasceu junto aos menosprezados da sociedade daquela época: os pastores, tidos pelos fariseus e escribas – que se consideravam os mais devotos e puros – como gente desprezível.

Jesus mudou tudo isso. Ensinou-nos que somos grandes somente quando nos abeiramos dos pequenos, dos últimos.

Quando assim falo, não me refiro, por exemplo, somente aos meninos de rua (a cheirar cola para enganar a fome), mas também dos “últimos” de nossa casa. Às vezes, o “último” é a esposa, ou o esposo. Não lhe damos mais importância. Ou é nosso filho a nos pedir que contemos uma história para ele dormir em paz. E não temos tempo para isso. Mas quando ficam jovens, também não temos tempo. Depois reclamamos que se afastaram de nós...

Um “Feliz Natal” não pode ser dado por nós com autenticidade se, durante o ano todo, não fizemos caso de nossos familiares mais necessitados de atenção. Porque soaria falso. Para ser verdadeiro, tem de vir do coração, tem de ser fruto de nossa acolhida diária; ou, então, tem que ser dado sim, mas como resultado de um processo de conversão de nosso interior: de desatentos e distraídos, para uma atenção dirigida, baseada no valor maior que Deus nos manifestou, ao vir até nós e nos propor como projeto de vida: o amor.

Então, nossa esposa (nosso esposo) não será mais a “última” (o “último”), mas será igual, como casados de fato. Nossos filhos não mais se sentirão repelidos porque “tenho-de-ler-o-jornal-vai-falar-com-sua-mãe”, ou “tenho-de-assistir-à-novela-vai-procurar-seu-pai”, mas haverá uma gradação de valores. À luz do exemplo de Jesus, compreendamos que o mais importante é ser companheiro, estar ao lado, presente, participativo, sem medir sacrifícios nem renúncias. A conversa com nosso *office-boy*, meu amigo... me fez pensar tudo isso.



Adelino Dias Coelho é jornalista da editora e revista Ave Maria.

Qual é seu nome? – perguntei a nosso *office-boy*. Após ter-me ele dito como se chamava, nossa conversa “escorregou” para a forma como ele tratava as pessoas.

Ponderou: “Se chamo uma mulher de senhora, ela fecha o rosto e responde: ‘senhora está no céu’. Desculpo-me e a trato de senhorita, mas soa pedante demais. Se a chamo de você, reclama e diz: ‘Que intimidade é essa?’”. Recorro então ao expediente de chamá-la de tia. Aí a coisa piora, porque acha que a estou considerando velha, e esbraveja: ‘Não sou sua parental!’. Recorro, então, ao dona, e sinto que não facilita nada, pelo contrário, distancia-nos ainda mais... Por isso é que acabo deixando a correspondência em cima da mesa, saindo de fininho sem dizer nada!”.

Nunca pensei ouvir daquele jovem (mas de mente tão madura) reflexões sábias assim sobre a maneira de acolher as pessoas sem feri-las.

Fiquei a pensar em sua pergunta latente: “Como me aproximar das pessoas? Qual o tratamento mais conveniente?”. Ruminei a questão, até me lembrar da posição de Jesus sobre o amor fraterno: *Já não vos chamo servos, mas amigos!* (João 15,15).

Deus quis revelar-se a nós como Pai-Mãe. Com carinho imenso nos criou. Em nosso lugar, poderiam ter nas-

Imaculada

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR...

Pe. Roque Vicente Beraldi

Os títulos todos que a piedade cristã dedica à mãe de Jesus, referem-se a Maria, Imaculada. Sua profecia: *chamar-me-ão bem-aventurada*, cada vez mais se aviva nas devoções populares. Porque, com o pecado, Deus idealizou uma criatura especial, sem mancha de fraqueza, para gerar aquele que redimira a humanidade. Ela foi prometida, *poirei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça* (Gênesis, 3,15). Este é o modo oriental de dizer que ela era livre do pecado – ou seja, imaculada.

Na história bíblica, a condenação registrada por escrito por Assuero contra os judeus, pela qual todos os israelitas deveriam ser trucidados, é aplicada como figura da mãe de Deus, como narra o Livro de Ester 15,13. O rei disse: *Não morrerás, porque nossa ordem apenas concerne ao povo comum* — não à rainha. Os estudiosos da Bíblia vêem um símbolo: a rainha estava livre da condenação. Aplicando o significado, quer dizer: Maria é imaculada.

Assim também os exegetas entendem o Salmo 45,5 referindo-se a ela: “O Altíssimo santificou o seu tabernáculo”.

No mais santo idílio, o Livro Cântico dos Cânticos (4,7) se refere à mãe de Deus: “*És toda bela, ó minha amiga, e não há mancha em ti*”.

Ainda no mesmo Livro sagrado (2,2), compara: “Como o lírio entre os espinhos, assim é minha amiga entre as jovens”.

Nas visões fantásticas de são João, contidas no Livro do Apocalipse, chegou a luz de Maria (12,1): *Apareceu em seguida um grande sinal no céu:*

uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés, e na cabeça uma coroa de doze estrelas.

Bem falou são Dionísio, o areopagita, que se a fé não dissesse que ela era criatura, ele a teria adorado como deusa, por ser tão bela aos olhos mortais. Como vemos no Livro dos Cânti-



És toda bela, ó minha amiga, e não há mancha em ti.

(Cântico dos Cânticos 4,7)

cos, 4,7: *És toda bela, ó minha amiga, e não há mancha em ti. E também: És um jardim fechado, minha irmã, minha esposa, uma nascente fechada, uma fonte selada* (4,12).

Porque nela se realizou a palavra de Isaías (7,14): *uma virgem conceberá e dará à luz um filho.*

Assim compreenderam os grandes santos do passado. Santo Ambrósio: “Não admira que pela mãe comece a obra daquele que vinha remir o mundo, para que ela haurindo gratuitamente, por primeiro, o fruto da salvação, por intermédio dela se reparasse a salvação de todos”.

Agradecemos a Deus por nos ter dado por mãe, a tão linda, pura, e misericordiosa, Maria.



Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

Oração

*Ó Deus, que preparastes uma digna habitação para o vosso Filho, pela imaculada conceição da Virgem Maria, preservando-a de todo o pecado em previsão dos méritos de Cristo, concedei-nos chegar até vós purificados também de toda culpa por sua materna intercessão. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
Amém.*

O perdão

Fábio Davidson

Mais um ano termina! Nessa época, muitos se preparam para as decisões de ano novo. Planos, sonhos, dietas. Vai tudo para o papel e, muitas vezes, a maior parte não sai do papel. Por isso, ao invés de pensar no futuro, resolvi olhar um pouco para trás.

No período que precede o *Rosh Hashanah* – Ano Novo judaico – e vai até o *Yom Kippur* – Dia do Perdão –, o judeu deve perdoar e pedir perdão ao próximo. No primeiro dia do ano ocorre o ritual do *Tashlich*. O judeu vai a um lugar com água natural corrente e peixes para meditar, cantar e recitar alguns salmos. Após o toque do *shofar*, lançam-se migalhas de pão na água, simbolizando as faltas cometidas durante o ano que se encerrou, que serão carrega-

das pela água, juntamente com as culpas, uma referência a Miquéias 7,19: “jogarás (*tashlich*) os pecados nas profundezas do oceano”. Depois disso poderão clamar pelo perdão divino, no *Yom Kippur*.

Quando penso na necessidade da confissão e do perdão, lembro de uma singela história, intitulada *O Garoto e os Pregos*:

Um garotinho constantemente irava-se e brigava com seus amigos. Seu pai, percebendo a situação, lhe deu um saco cheio de pregos e disse que, cada vez que ele perdesse a paciência, deveria bater um prego na cerca dos fundos da casa.

No primeiro dia, foram 37 pregos na cerca! Com o tempo, o número foi diminuindo. O garotinho descobriu que era mais fácil controlar seu gênio do que fixar os pregos na cerca.


Um dia, ele não perdeu o controle e correu para contar ao seu pai, que sugeriu que ele tirasse um prego da cerca a cada dia que fosse capaz de manter-se centrado. Os dias passaram, até que o garoto pôde contar ao pai que não havia mais nenhum prego.

O pai pegou o garoto pela mão, levou-o até a cerca e disse:

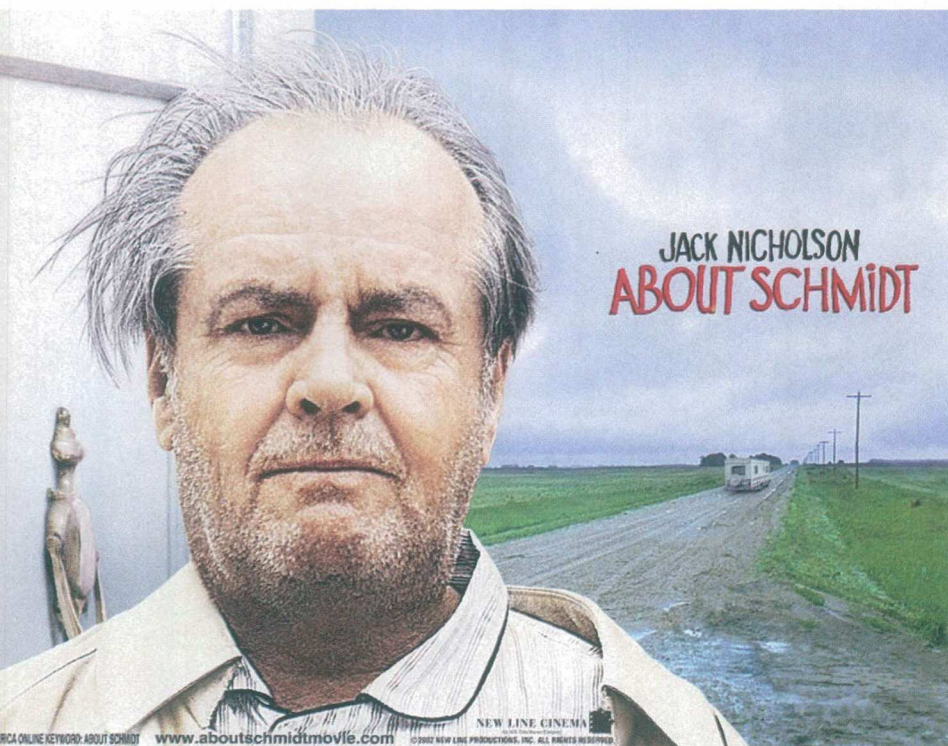
— Você fez bem, filho! Mas, dê uma olhada na cerca. Ela nunca mais será a mesma. Quando você se ira, deixa uma cicatriz como esta. Você pode esfaquear um homem, retirar a faca e, não importa quantas vezes você diga que “sente muito”, a ferida continuará ali. Uma ferida verbal, muitas vezes causada pelo descontrole, é tão dolorosa quanto uma ferida física.

No filme *Confissões de Schmidt* uma personagem afirma: “O que você vai dizer quando parar, olhar pra trás e se perguntar: *que diferença eu fiz?*”. Confissão e perdão não são apenas atos individuais. Requerem confiança, diálogo, amizade. Qualidades cada vez mais ausentes em uma sociedade egoísta, competitiva e que não admite erros.

É preciso pensar no futuro em relação às atitudes que tomamos, para que não nos arrependamos e deixemos marcas negativas. E, também, é preciso olhar para o passado, para não deixarmos esquecidos os nossos erros. É preciso reconhecer nossas culpas, confessá-las e buscar o perdão.

Pensemos nisso ao agirmos e falarmos. E que todos possamos ter um 2008 mais fraterno, solidário e feliz. 

Fábio Davidson, cristão protestante, é jornalista. Mantém o blog *DoxaBrasil*: <http://doxabrasil.blogspot.com> Contato: f.davidson@gmail.com



Cartaz do filme: *Confissões de Schmidt*

O Canto da Noite Feliz

Ir. Míria T. Kolling

Foi mesmo uma noite feliz e inspirada aquela de 24 de dezembro de 1818, na Capela de São Nicolau, em Oberndorf, nas imediações de Salzburg, Áustria. Como e por que aconteceu? Coisas de Deus, muitas vezes inexplicáveis!...

Era a noite de Natal. O pároco da pequena capela, Joseph Mohr, um pouco poeta e um pouco músico, percebeu, já no final da tarde, que o órgão estava quebrado. Como faria para cantar com o povo da aldeia, acostumado a solenizar a “Missa do Galo”, celebrando o nascimento de Jesus, sem ter um canto especial? Não poderia ser... E então a divina, surpreendente inspiração aconteceu. Como se fosse o próprio Deus a tomar sua mão e escrever a canção “Noite Santa... Noite Feliz... Noite de paz...” , as seis estrofes lhe nasceram do coração emocionado. Lembrou-se então do seu amigo músico, Franz Xaver Gruber (nascido a 25 de novembro de 1787, em Unterweissberg, e falecido em Hallein, Áustria, a 7 de junho de 1863, professor de música e regente), da cidade vizinha de Habendorf, República Checa, e foi pedir-lhe para colocar música na canção: que o fizesse a duas vozes – para solo e coro – com acompanhamento de violão. Três acordes básicos deram corpo à singela melodia, que o compositor começou a tocar suavemente ao violão. Acabara de nascer a mais bela e extraordinária canção natalina! Os dois fizeram um pequeno ensaio e aguardaram a chegada do povo. O silêncio, nada costumeiro, foi dando lugar à suavidade das vozes de ambos, que começaram a cantar – canto e contracanto -, entrando o coro da Igreja na repetição dos versos finais. Aos poucos todos estavam murmurando a simples melodia e aplaudindo os dois artistas de Deus, que choravam de alegria e emoção.

No ano seguinte, o órgão estava consertado... e a música da Noite Feliz foi esquecida, permanecendo assim até o ano de 1835, quando o mesmo tornou a apresentar problemas e foi consertado por um dos maiores especialistas em órgão da Europa. Para testar o instrumento, ele procurou tocar uma partitura ali perdida,

que para surpresa sua, era a canção da Noite Feliz. Soava ao órgão como melodia vinda do céu, enchendo a capela de acordes divinos... Os autores lhe permitiram copiar e divulgar a notável canção tirolesa, que a partir de então começou a ressoar no mundo inteiro. Atravessando o tempo e a distância, cantada em mais de 500 dialetos, tornou-se para todos a Canção de Natal, assim consagrada até os nossos dias, unindo os povos, raças e nações num único desejo: que o Deus Menino, nascido em Belém, nasça no coração de cada um, traga paz e vida ao mundo...

Foi pura graça a experiência que Deus me permitiu fazer a 22 de dezembro de 1983, visitando a pequena cidade e o local da capela onde ressoou pela primeira vez a canção natalina. Em nome de tantos amigos, a entoei novamente, coração comovido e alma no céu... A neve caía... caía a noite... iluminando as montanhas tirolesas que cercam a pequena e graciosa Oberndorf. Uma cópia da partitura original guardo-a comigo... mas ainda vivem em mim as vozes e os instrumentos típicos do Tirol, que a cantam um pouco diferente de nós, na forma original, doce e suave, do modo como só eles são capazes. Traduzida, orquestrada e cantada de mil formas, prefiro a canção original, como soa da Catedral de Salzburg à mais pequena capela austríaca, ou mesmo no Mosteiro beneditino do Nonnberg, onde também passei, comovida, a noite feliz de 1983.

Nossa Missa da Noite Feliz, que carrega a ternura poética do pe. Lucio Floro e a sensibilidade musical que o Divino Artista me deu, é certamente inspirada nesta experiência natalina. Quem a quiser ouvir e cantar, se emocionar e ter o coração no céu ou o céu no coração, procure nas livrarias religiosas o CD “O Senhor, minha Festa”. Aqui, a música, uma vez mais, traduz o inexprimível, cantando esta *Noite de amor... noite feliz... noite de céu!... Pois, se Jesus é meu Irmão, eu já sou feliz!...*

Míria T. Kolling é religiosa da Congregação do Imaculado Coração de Maria, compositora de música litúrgica e religiosa. Ministra cursos de canto pastoral. Contato: www.irmamiria.com.br ou miko3@superig.com.br

Comunicar o amor: um desafio para Igreja e família

Aparecida Eunides e João Bosco Lugnani

Igreja e família reconhecem a importância do amor, mas têm enorme dificuldade prática de comunicá-lo no exercício de suas missões. Teoriza-se, racionaliza-se, prega-se, fala-se sobre o amor, mas na prática de comunicar o amor existe muita fraqueza e ineficiência.

Essa fraqueza compromete a missão primeira da Igreja, a evangelização. E a fragilidade da evangelização é causa de muitos males na convivência humana.

A deficiência na comunicação do amor compromete também as finalidades do matrimônio: a geração e a formação dos novos seres humanos. A comunicação do amor é qualidade de relacionamento para o casal e para a catequese e educação dos filhos. Sua falta compromete, portanto, a família, base da sociedade.

Não é difícil perceber que comprometer as finalidades da Igreja e do matrimônio significa danificar a educação geral, deteriorar os relacionamentos sociais, a justiça, a solidariedade, a honestidade, etc.

Alguém questionaria:

1. Como se pode constatar a deficiência na comunicação do amor?
2. Por que é tão relevante para a Igreja, a família e a sociedade comunicar o amor?
3. O que podemos fazer?

O amor e toda a afetividade não são mensuráveis como os saberes conceituais, lógicos e literários. O amor é comunicado e observado através dos comportamentos, não em testes objetivos. Ava-

liar a comunicação do amor implica avaliar qualitativamente o comportamento humano. Assim, uma atitude de superioridade, de não-escuta, de persistente ressentimento, são evidências de ausência concreta do amor. E o reconhecimento do valor incondicional do outro, a escuta ativa, a confiança, a predisposição para reconciliação, são evidências do amor e, ao mesmo tempo, são recursos para a sua comunicação.

Comunicar o amor é relevante porque a comunicação do amor é educativa em duas vias; educa aquele que se sentiu amado e aquele que comunicou o amor. Isso é recurso indispensável para que aconteça a evangelização pela Igreja e a educação pela família e pela escola. Sem o recurso da comunicação do amor, fracassam evangelização e educação e corrompe-se a civilização e o tecido social. Educadores necessi-


tam aprofundar, sempre mais, a percepção do peso da afetividade toda e particularmente do amor, na aprendizagem. Neste espaço não nos é possível aprofundar o assunto.

Cada um de nós pode fazer muito! Um grande desafio para cada evangelizador, pai, mãe, educador, é resgatar a verdade sobre sua própria dignidade, seu próprio valor. Sem condições, da pele para dentro, de origem, de fabricação, por ter sido feito por Deus, à sua imagem e semelhança. Não se trata de valor pessoal, por utilidade, como é comum na cultura moderna!

Um segundo passo é aprender a ver em qualquer outra pessoa a mesma dignidade e valor. Essa sempre foi a pedagogia de nosso mestre, Jesus Cristo.

Com essa base prática sendo progressivamente assumida, procurar comunicar o amor sem superioridades, com abertura e com escuta. Com o exercício do diálogo e do espírito reconciliador, combater e vencer os conflitos, sem ceder aos apelos do pecado presente na cultura moderna, na qual assola a carência afetiva e a conseqüente vulnerabilidade moral que se torna moda.

Assumindo esses desafios, Jesus não somente nasce nos corações, mas aí permanece. E cada um de nós se torna discípulo seu. A evangelização e educação vão produzir frutos porque estamos no "tronco da videira".

Esse é o Natal e a vida que desejamos a você, caro amigo. 

Aparecida Eunides e João Bosco Lugnani, do grupo de Formação Presencial do Instituto Nacional da Família e da Pastoral Familiar – CNBB.



Ilustração: arquivo

Natal é defesa da vida

Pe. Ricardo Hoepers

Nosso Natal começa mais cedo, não no nascimento, mas desde a concepção (Mateus 1,18). Digo isso porque não celebramos uma data (25 de dezembro), mas sim um mistério: a *encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Pelo Espírito Santo, cremos que Maria concebeu, pois o anjo anunciou que o Altíssimo a cobriria com sua sombra (Lucas 1,35). A sombra de Deus significa a proteção, o amparo, o cuidado, o amor que gerou a Vida Divina no seio da virgem Maria e agora a cobre com a força que vem do alto.

A sombra só é possível por causa da luz que resplandece (João 1,4). Sem a luz ela não existiria, pois a sombra sempre reflete a existência de algo que a luz atingiu. A sombra é um presente, é um alento, é uma dádiva para os que caminham à luz do dia. As palavras do anjo confirmam o amor de Deus desde o momento da concepção, que, na encarnação de seu Filho, quis precisar da natureza humana. Dignificou com isso a existência de toda humanidade. Toda concepção foi restaurada com a encarnação do Verbo que se fez carne e habitou entre nós (João 1,14).

Maria demonstra fé na revelação que lhe foi dada pelo anjo e corre ao encontro de sua prima Isabel para levar alento e apoio para aquela que também precisa repousar na sombra do amor criador de Deus. Partiu para cuidar do nascituro que por ser concebido por uma mãe em idade avançada precisava de mais cuidados. Tratava-se sem dúvida de uma gravidez de risco. Essa proteção, guiada pela fé da virgem Maria, a fez partir e viajar por um longo caminho. Ao se encontrarem, Isabel impressiona-se com a alegria do filho em seu ventre pulando ao receber a “mãe do Senhor”, como a chamou Isabel (Lucas 1, 41-45). “Minha alma exulta de alegria” (Lucas 1, 46) é a resposta da virgem que disse sim ao plano de Deus e estava disposta a dar sua própria vida pelo Filho que crescia em seu ventre. Ambas estavam ilumina-

das pela luz de Deus e protegidas pela sombra do Senhor.


Hoje este encanto do Natal faz-nos recordar tamanha beleza e convida todos a meditar as belíssimas imagens que nos inspira: a família de Nazaré, Maria grávida, José a seu lado, uma manjedoura, um nascimento, uma criança, uma aliança...

Não é só uma recordação; é verdadeiramente uma celebração da defesa da vida que nos faz pensar sobre a dignidade de todo ser humano desde a concepção no ventre materno.

Porém, vemos também a escuridão de Herodes (João 1,5), pronto a matar todas as crianças nascidas que pudessem colocar seu reino em perigo. Seu trono estava prestes a ganhar

um concorrente. O poder corrompe todos e tudo a ponto de relativizar a própria vida. Nada tem importância maior de que os próprios interesses daquele que pensa só em si mesmo. É a cultura da morte que invade nossos lares; a cultura de Herodes permanece viva em nossa sociedade, capaz de matar inocentes, de desprezar os embriões, de legalizar e justificar a morte de inocentes.

No Natal vemos dois cenários: *Maria*, que representa todos os homens e mulheres que dizem **sim à vida**, e *Herodes*, que representa todos os homens

e mulheres que dizem **não à vida**. Por isso, celebrar o Natal é defender a vida, pois foi pelo mistério da concepção virginal no seio de Maria que Deus se fez homem e habitou entre nós (Mateus 1,22-23). Queremos neste Natal reconhecer a dignidade do embrião e de todo o processo que define nosso desenvolvimento no ventre materno: **processo sagrado e inalienável**, caminho que o próprio Deus escolheu para habitar em nosso meio; portanto caminho de salvação, enfim, caminho de encontro com o *Emanuel, o Deus conosco*. 

Pe. Ricardo Hoepers é mestre em Educação pela PUC/PR e professor de Bioética e Moral Sexual do Studium Theologicum, Curitiba, PR. Contato: rhoepers@uol.com.br



Domenico Ghirlandaio, Firenze, 1499-1504

E A FAMÍLIA?... Uma visão sistêmica da família (6)

Vítor Pedro Calixto dos Santos

Vamos concluir o tema da comunicação exposto no artigo anterior e encerrar esta breve introdução à visão sistêmica da família, que foi o fio condutor de nossos artigos durante seis meses.

Em relação à comunicação, falávamos que pode se considerar os meios de comunicação, de um lado, e, de outro, o conteúdo da mensagem. O artigo anterior versou sobre os primeiros e agora vamos nos deter um pouco sobre o segundo aspecto.

Considerando o limite de nosso artigo, vamos indicar somente alguns pontos referentes ao conteúdo da mensagem.

Pensamos que basta falar para que o outro compreenda a nossa mensagem. No entanto, como já bem dizia a raposa ao Pequeno Príncipe: "A linguagem é uma fonte de mal-entendidos". Dito de outro modo – a linguagem está sempre em contexto e as palavras adquirem sentido a partir do contexto em que foram pronunciadas. Vejamos um exemplo: uma criança que, chorando, grita para sua mãe "Eu quero que você morra!" não está querendo que a mãe, de fato morra, mas está ex-

pressando sua frustração e sua raiva.

Se a mãe entender essa frase somente a partir das palavras pronunciadas em seu sentido literal, poderá sentir-se muito mal e pensar que é a pior mãe do mundo e que seu filho não a ama, quando, na verdade, ela pode ser uma mãe cuidadosa que está em um momento oportuno colocando um limite para seu filho.

Tal incompreensão acontece frequentemente entre marido e mulher, entre pais e filhos. Não se percebe a chamada metacomunicação, ou seja, a comunicação sobre a comunicação que é feita, normalmente, de maneira não-verbal. A criança do exemplo acima comunicou que sua frase era expressão de sua raiva e frustração. Nada mais que isso.

Assim, para que o conteúdo da mensagem seja captado e compreendido pelo receptor, é preciso considerar os passos a serem seguidos na comunicação assertiva, que é comunicar ao outro o que pensamos, sentimos e queremos:

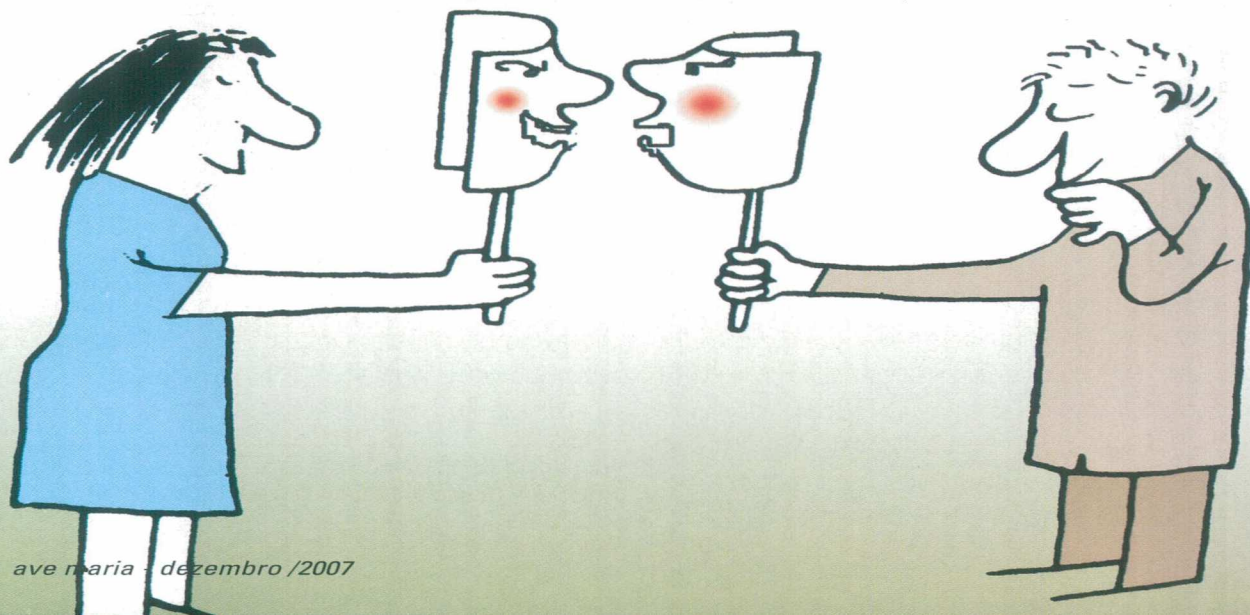
1 – Analise a situação como um todo para entender bem o que está aconte-

cedendo. Nada acontece por acaso. Analise o seu contexto, o que aconteceu, o que você pensou e sentiu; **2** – Veja o que realmente quer falar; **3** – Avalie o que deseja ou a intenção de sua fala; **4** – Pense na melhor maneira de falar sobre o assunto, seja claro e objetivo; **5** – Pense no tom de voz, nos gestos e expressão facial que deverão ser coerentes com o que está sentindo; **6** – Fale e ao mesmo tempo observe a reação do outro; **7** – Agüente a ansiedade que isso poderá gerar e avalie seus sentimentos depois de falar o que estava sentindo.

Como se pode ver, o conteúdo da comunicação vai muito além das palavras.

Estamos, com este artigo, encerrando esta série de reflexões sobre a família, segundo uma visão sistêmica. Foi uma breve introdução, a qual, esperamos, tenha contribuído para tornar mais conscientes e verdadeiras as relações interpessoais entre os casais e famílias. A todos, Feliz Natal e um Ano Novo cheio de esperanças!

Vítor Pedro Calixto dos Santos, cmf, é sacerdote claretiano, psicólogo clínico, prof. no Studium Theologicum, Curitiba, PR. Contato: vpcsantos@uol.com.br



Vamos cozinhar?!

Elaborado por Dinorah

ENTRADA

Ingredientes

- 3 peitos de frango sem osso e sem pele
- 1 lata de ervilhas
- 2 cenouras cozidas
- 2 pimentões (1 verde e 1 vermelho)
- 1 lata de palmito
- 1 erva-doce
- 1 salsaõ branco
- 2 maçãs ácidas
- 1 lata de aspargos
- 1 vidro de cogumelos

Salpicão

- 1 lata de creme de leite
- 1 vidro de maionese vinha-d'alhos

Modo de preparar

1. Cozinhe os peitos de frango, com sal, louro, cebola e alho até ficarem macios.
2. Depois de frios, desfie-os e reserve. Corte os legumes em tiras bem fininhas. Corte igualmente as maçãs.
3. Misture o frango, os legumes e as maçãs, tempere com a vinha d'alhos. Deixe descansar um pouco e escorra. Depois misture o creme de leite sem soro e a maionese. Leve à geladeira até a hora de servir.

PRATO PRINCIPAL

Ingredientes

- 1 kg de lombo de porco
- 1 copo de vinho branco seco
- 1 colher/chá de açúcar
suco de 1 limão
- 3 cravos-da-índia
- 1 colher/café de pimenta em grãos
- 1 xícara/chá de ameixas secas e
sem caroços
- 1 colher/sobremesa de margarina
- 1 cebola
sal e pimenta-do-reino em pó

Lombo de porco com ameixas

Modo de preparar

1. Desosse a carne de lombo deixando-o inteiro.
2. Cozinhe durante dez minutos o vinho com o açúcar, o suco de limão, os cravos-da-índia, a pimenta em grãos e as ameixas. Passados os dez minutos, retire as ameixas, deixando-as esfriar.
3. Tempere o lombo com sal e pimenta.
4. Numa assadeira, coloque a margarina e deixe esquentar bem, coloque o lombo juntando-lhe a cebola picada. Tampe e cozinhe em fogo moderado durante 1/2 hora. Passado esse tempo, junte a mistura do vinho e cozinhe por mais 1/2 hora.
5. Depois de cozido, coloque o lombo numa travessa, entre as fileiras de ameixa, dos dois lados. Coe o molho, uma parte coloque sobre a carne e junte o que sobrar numa molheira.
6. Sirva com batatas assadas e uma salada verde.

SOBREMESA

Ingredientes

- 4 ovos
- 1 pitada de sal
- 4 colheres/sopa bem cheias de açúcar
- 2 xícaras/chá de creme de leite
- 1 colher/chá de essência de baunilha
- 2 cálices pequenos de rum
- 2 colheres/sopa bem cheias de
chocolate em pó
suco de 1/4 de limão

Sobremesa gelada

Modo de preparar

1. Separe as claras das gemas e as bata em neve com o suco de limão e o sal, junte o açúcar e as gemas.
2. Bata o creme de leite e acrescente a baunilha às claras batidas.
3. Divida a mistura: numa metade, derrame o rum e na outra, o chocolate. Numa forma forrada com papel, aproximadamente de 24 cm de diâmetro, derrame uma das metades e em seguida a outra, com cuidado para não misturá-las.
4. Deixe no congelador por algumas horas.
5. Decore com frutas frescas ou em conservas ou, chocolate ralado.

OLHA! OLHA! UM BEIJA-FLORI!



OS BEIJA-FLORES SÃO MUITO IMPORTANTES NA NATUREZA; ALÉM DE AJUDAR NA REPRODUÇÃO DAS PLANTAS, ELAS SE ALIMENTAM DE MUITOS INSETOS!



E CONSEGUEM CAPTURÁ-LOS EM PLENO ARI! ALGUMAS ESPÉCIES INGEREM, POR DIA, ATÉ 30 VEZES O SEU PESO EM ALIMENTO!

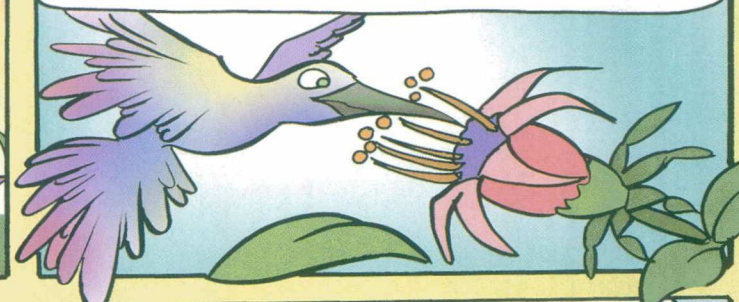
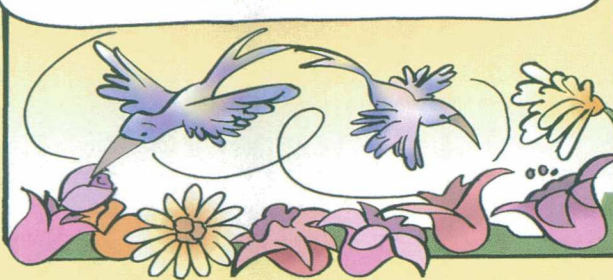
ALGUMAS ESPÉCIES SE ALIMENTAM DE INSETOS TRANSMISSORES DE MALÁRIA, FEBRE AMARELA E FILARIOSE!

E COMO SÃO RÁPIDOS!



SÃO ÓTIMOS POLINIZADORES E, POR SEREM RÁPIDOS, POLINIZAM DIVERSAS PLANTAS NUM SÓ DIA!

ALGUMAS ESPÉCIES DE PLANTAS DEPENDEM EXCLUSIVAMENTE DELES PARA SUA REPRODUÇÃO!



CADA SER, POR MINÚSCULO QUE SEJA, NA NATUREZA É IMPORTANTE. INDISPENSÁVEL!

ASSIM COMO CADA PESSOA, INDEPENDENTE DA SUA PROFISSÃO, CONDIÇÃO SOCIAL, RAÇA OU RELIGIÃO!





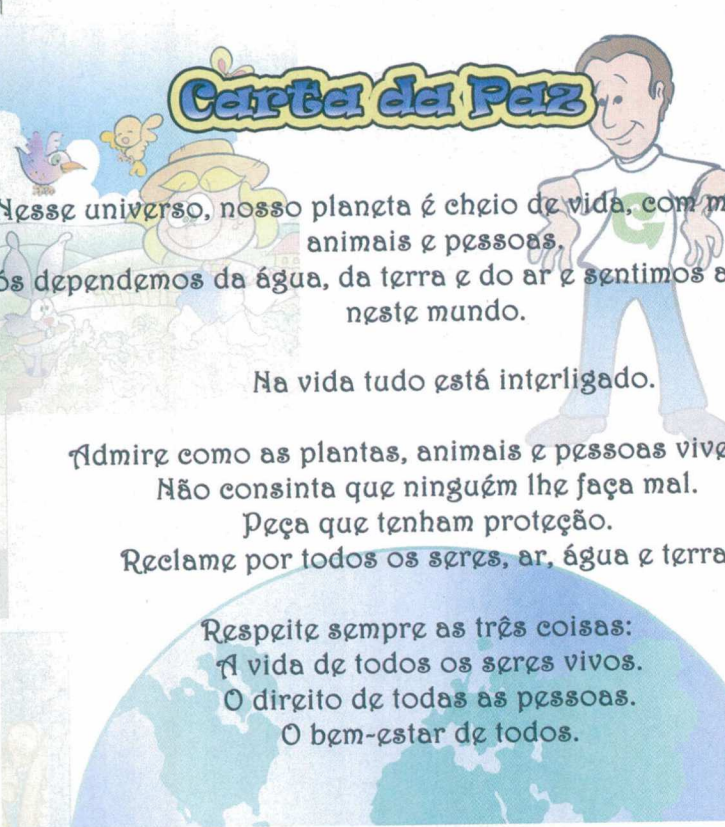
Carta da Paz

Nesse universo, nosso planeta é cheio de vida, com muitas plantas, animais e pessoas. Nós dependemos da água, da terra e do ar e sentimos alegria por viver neste mundo.

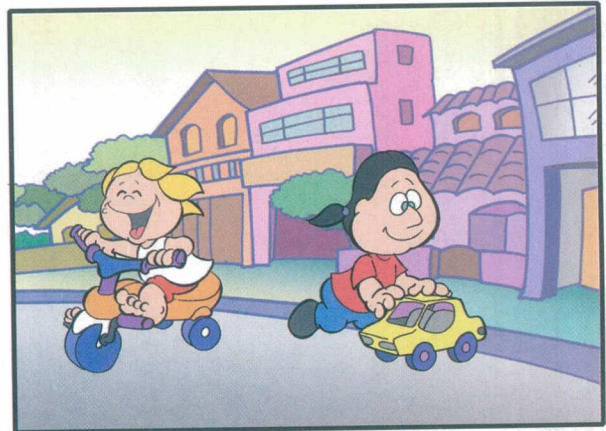
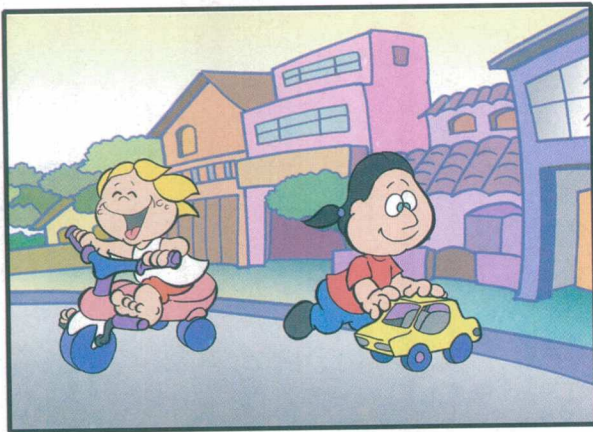
Na vida tudo está interligado.

Admire como as plantas, animais e pessoas vivem.
 Não consinta que ninguém lhe faça mal.
 Peça que tenham proteção.
 Reclame por todos os seres, ar, água e terra.

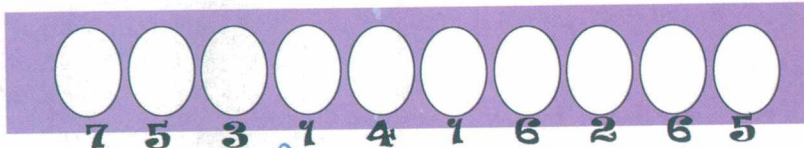
Respeite sempre as três coisas:
 A vida de todos os seres vivos.
 O direito de todas as pessoas.
 O bem-estar de todos.




Sete erros



COLOQUE A INICIAL DE CADA FIGURA NO LUGAR INDICADO E
 DESCUBRA O QUE A TURMINHA LHE DESEJA DE TODO O CORAÇÃO!

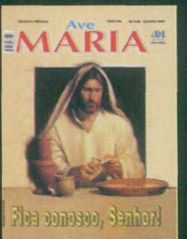
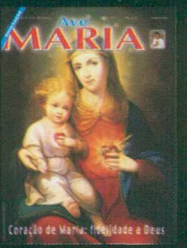
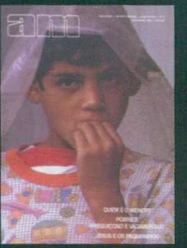
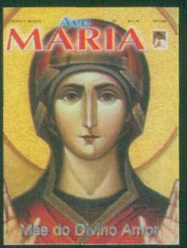
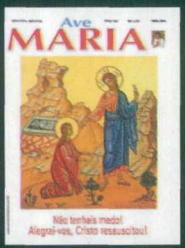
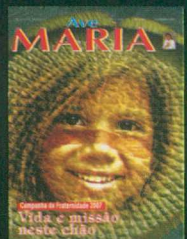
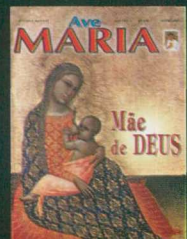
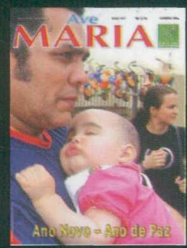
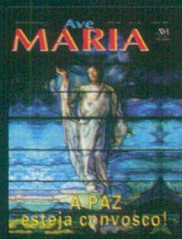
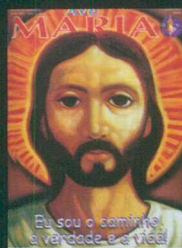
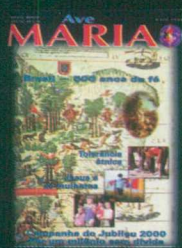




“Não temas; doravante serás
pescador de homens.”

(Lucas 5,10b)

Missionários Claretianos
servindo a Deus por todos os meios possíveis



ASSINE A REVISTA

Ave

MARIA

109 anos

A PRIMEIRA REVISTA MARIANA DO BRASIL

12 EDIÇÕES

por apenas **R\$ 30,00**

0800 555 021

www.avemaria.com.br/revista